

PESCADORES/AS ARTESANAIS

ANÁLISE DOS DADOS DA
PESQUISA DE
AGRAVAMENTO DE DANOS
DAS ESPECIFICIDADES
(PADES)



ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA DE AGRAVAMENTO DE DANOS DAS ESPECIFICIDADES (PADES)

Grupo específico: Pescadores/as artesanais

Amanda Guerra Valadão

Besna Gissel Rodriguez Yacovenco

Carlos Eduardo Reinaldo Gimenes

Clarissa Godinho Prates

Gabriela Fraga Fernandez

Julia Guimarães Barbosa

Marcus Lepesqueur Fabiano Gomes

Sara Glória Aredes Moreira

Severin Malte Dahlmeier

Thales Torres Quintão

Tiago Henrique De Pinho Marques França

Tais de Paula Barbosa Sousa

Thais das Chagas Moura

Viviane Fernandes Ribeiro

Data de publicação: 10/11/2023

Instituto Guaicuy, 2023.

Foto de capa: Gia Dias/Acervo Guaicuy, 2022.

I59

INSTITUTO GUAICUY. Análise de dados da Pesquisa de Agravamento de Danos das Especificidades (PADES) Grupo: Pescadores/as artesanais. Belo Horizonte: Guaicuy. 2023.

65 p. : il

1. Assessoria Técnica Independente às Pessoas Atingidas por Barragem.
2. Pesquisa de agravamento de danos. 3. Pescadores. 4. Minas Gerais. 5. Bacia do Paraopeba. I. Título. II. Instituto Guaicuy.

CDD 364.155
CDU 347.2

Escritório de Projetos Socioeconômicos

SUMÁRIO

ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA DE AGRAVAMENTO DE DANOS DAS ESPECIFICIDADES (PADES)	2
SUMÁRIO	3
1.1 O que é a PADES	5
1.2 O que caracteriza os Pescadores Artesanais	5
1.3 O que é agravamento	7
1.4 Objetivos do documento	8
2. METODOLOGIA	9
2.1 Introdução	9
2.2 Organização do Grupo Focal	10
2.3 Análise Qualitativa	11
2.3.1 Quadro de Codificação	13
2.3.2 Nuvem de Palavras	18
2.3.3 Análise de Sentimentos	18
3. RESULTADOS	19
3.1 Comunidade escolhidas	19
1) Balneário Reino dos Lagos (Regional 4)	20
2) Cachoeira do Choro (Regional 4)	22
3) Indaiá de Baixo (Regional 5 Oeste)	23
4) Paraíso (Regional 5 Leste)	24
5) Distrito-sede Morada Nova de Minas (Regional 5 Oeste)	26
6) Três Marias Sede (Regional 5 Leste)	27
3.2 Perfil dos participantes	28
3.3 Nuvem de palavras	28
3.4 Análise de sentimentos	30
3.5 Análise dos danos e agravamentos	32
3.5.1 A interdependência da pesca com o modo de subsistência	34
3.5.2 Diminuição e Perda do trabalho e renda da cadeia do pescado	36
3.5.3 Danos ao lazer e as redes de sociabilidade	38
3.5.4 Conexões com o Rio Paraopeba e a Represa de Três Marias: Danos pela consequência	38
3.5.5 Estigmatização	42
3.5.6 Mulheres Pescadoras	43
3.5.7 A importância da valorização, pertencimento e reconhecimento do ofício tradicional dos pescadores/as	44
3.5.8 Formas de Comprovação	46
• Carteira Profissional de Pesca	48
• Nota/Bloco Fiscal	48
• Registro de barco/motor	49
• Testemunhas	50
• Prova prática, modos de vida e saberes tradicionais da pesca	52

4. PANDEMIA, DANOS E AGRAVAMENTOS	53
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
APÊNDICE	60
1. Perfil dos Participantes e Análise da Participação	60
2. Análise Quantitativa da Atuação das Equipes Responsáveis	63

1. INTRODUÇÃO

1.1 O que é a PADES

A Pesquisa de Agravamento de Danos das Especificidades (PADES) tem como objetivo realizar a qualificação dos agravamentos dos danos sofridos pelos grupos específicos. Para tanto, são considerados alguns grupos de pessoas atingidas com as quais a ATI trabalha: 1) Mulheres; 2) Pescadoras/es e 3) População negra.¹

Os trabalhos direcionados para coleta, sistematização e análise dos danos já realizados pelo instituto, junto a uma observação crítica da realidade das pessoas atingidas, bem como por conhecimento acumulado, teórico e empírico, permitem uma abordagem qualificada sobre os danos sofridos pelas pessoas atingidas. A hipótese de que alguns danos previamente identificados como efetivos entre as pessoas e famílias atingidas possa ter ocorrido de maneira mais agravada sobre alguns segmentos sociais passa a ser investigada pela PADES.

1.2 O que caracteriza os Pescadores Artesanais

O grupo específico de Pescadores Artesanais são “comunidades tradicionais de ofício”. Isso significa que elas não se caracterizam por um território delimitado, mas sim, pela atividade que seus sujeitos exercem. Outros exemplos de comunidades de ofício são “lavadeiras” e “faiscadores”. A pesca artesanal é uma atividade de pequena escala e, usualmente, se opõe à pesca industrial e normalmente predatória. Os pescadores artesanais podem ser encontrados por toda costa, rios e lagos brasileiros.

O elo entre as diferentes esferas que envolvem a atividade em torno da pesca se insere no cotidiano de trabalho com as águas, labuta que é possível devido a um acúmulo de conhecimentos locais específicos sobre vento, maré, cheias e vazantes, posição e movimento dos cardumes, entre outros, sempre aliado a técnicas tradicionais de pesca e navegação. Os ofícios de fabricação de redes, anzóis, varas de bambu, canoas, cevas, iscas, entre outros acessórios para a utilização na pesca,

¹A ATI trabalha também com Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs) enquanto grupo específico, porém esses povos não serão alvo deste trabalho.

também caracterizam o ofício dos pescadores artesanais.

A atividade da pesca artesanal possui definição legal através da Lei 11.959, de 29 de junho de 2009, que dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura da Pesca. No capítulo III da referida Lei, em sua Seção II, que versa sobre a Atividade Pesqueira, no Art. 4o, Parágrafo Único, define-se enquanto atividade pesqueira artesanal:

Art. 4o: Consideram-se atividade pesqueira artesanal, para os efeitos desta Lei, os trabalhos de confecção e de reparos de artes e petrechos de pesca, os reparos realizados em embarcações de pequeno porte e o processamento do produto da pesca artesanal (LEI 11.959/2009).

Já o artigo 8º, presente no capítulo IV, Seção I, apresenta a classificação da pesca como:

I – Comercial:

a) artesanal: quando praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, desembarcado, podendo utilizar embarcações de pequeno porte; (grifo nosso)

b) industrial: quando praticada por pessoa física ou jurídica e envolver pescadores profissionais, empregados ou em regime de parceria por cotas-partes, utilizando embarcações de pequeno, médio ou grande porte, com finalidade comercial;

II – Não Comercial:

a) científica: quando praticada por pessoa física ou jurídica, com a finalidade de pesquisa científica;

b) amadora: quando praticada por brasileiro ou estrangeiro, com equipamentos ou petrechos previstos em legislação específica, tendo por finalidade o lazer ou o desporto;

c) de subsistência: quando praticada com fins de consumo doméstico ou escambo sem fins de lucro e utilizando petrechos previstos em legislação

Além disso, a Lei nº 11.699/2008 reconheceu órgãos ligados aos trabalhadores do setor da pesca artesanal: as Colônias de Pescadores², as Federações Estaduais e a Confederação Nacional dos Pescadores.

² As Colônias de Pescadores são órgãos de classe dos trabalhadores do setor artesanal da pesca, sua criação e organização social iniciou-se em 1818 no Reinado de D. João VI. As primeiras Colônias de Pescadores do Brasil foram fundadas a partir de 1919, com a Marinha de Guerra que percorreu toda costa brasileira implementando-as.

1.3 O que é agravamento

O agravamento consiste em uma qualificação do dano que expressa, em determinados sentidos, uma distinção de sua ocorrência ou prevalência para alguns grupos e perfis sociais. É razoável, por exemplo, que pescadoras e pescadores tenham sofrido de forma mais recrudescida a perda de renda advinda do seu trabalho, em comparação às outras atividades que têm relação mais indireta com as águas superficiais; ou que tenham sofrido danos aos seus modos de vida e saberes, no sentido de não conseguir realizar as suas práticas como antes era feito, o que compromete a sua própria existência, além de não conseguir transmitir esses modos e saberes para as gerações posteriores. Esses dois últimos pontos se fazem presentes, principalmente, entre os pescadores artesanais.

Além disso, o agravamento também se refere às consequências do dano para com esses grupos específicos, ou seja, os efeitos do rompimento que podem ter incidido de forma diversa, mas de modo a acarretar prejuízos acumulados a determinado grupo, impactando aspectos associados de suas vidas: rotina, cotidiano e o futuro dessas pessoas. A propósito, a compreensão acerca dos agravamentos se correlaciona a definição prévia de desastre. Assim, o conceito de desastre deste relatório será compreendido como diligência socialmente produzida. Conforme Valêncio (2014), os desastres são considerados:

[...] acontecimentos coletivos trágicos nos quais há perdas e danos súbitos e involuntários que desorganizam, de forma multidimensional e severa, as estratégias, rotinas e o modo de vida de uma dada coletividade. (Valêncio, 2014, p. 41).

Dessa forma, Zhouri (2019) complementa a definição ao evidenciar que o desastre não se restringe a data-evento do rompimento, pois se desdobra em afetações contínuas no decorrer do processo de reparação.

Em suma, para a PADES, a concepção qualificadora do agravamento do dano apresenta quatro dimensões que podem ou não estarem associadas. São considerados agravamentos os danos que: i. são comuns a todas as pessoas de determinado grupo social (agravamento por generalidade); ii. expressam mais gravidade em determinado grupo social (agravamento por intensidade); iii. apresentam consequências diferenciadas a determinado grupo social (agravamento

pela consequência); ou iv. que ocorrem associados a processo discriminatório (agravamento discriminatório).

Dessa forma, no processo em busca de indenização de danos, essas particularidades têm a possibilidade de serem contempladas por meio da defesa da ocorrência de agravamentos para os grupos específicos, como vem investigando o Instituto Guaicuy.

1.4 Objetivos do documento

O principal objetivo deste documento consiste em apresentar uma análise dos seis grupos focais de pescadores, realizados nas regiões 4 e 5 (contemplando margens leste e oeste da represa de Três Marias), demonstrando a respeito do agravamento de danos para os pescadores. Pretende-se, dessa forma, expor os resultados obtidos, fazendo uma correspondência acerca da questão das desigualdades e do agravamento dos danos – e seus efeitos/consequências diversos – que permeiam esse grupo específico. Assim, este documento visa fundamentar a compreensão de como o rompimento abrangeu de forma diversa e múltipla esse grupo, pensando na peculiaridade do dano e de que pertencem e se reconhecem.

Diante disso, este documento está dividido em três seções amplas, para além desta introdução: 1) *Metodologia*, que recai no planejamento e organização dos grupos focais; o desenho da pesquisa e a técnica de análise; 2) *Resultados*; que foca propriamente na execução dos grupos como se deram (perfil dos participantes e características das comunidades escolhidas) e, principalmente, nas análises do conteúdo obtido; 3) *Considerações Finais*, que retoma os principais achados e conclusões acerca da dinâmica dos grupos focais a partir dessas experiências iniciais.

Portanto, espera-se que este documento contribua com o processo de indenização e de reparação de danos, trazendo mais fidedignidade à complexidade dos danos sofridos ao contemplar particularidades dos grupos pesquisados.

2. METODOLOGIA

2.1 Introdução

A realização dos grupos focais, que ocorreu junto aos pescadores e pescadoras, se deu em decorrência da necessidade de investigar se as coletividades tiveram ou não seus danos agravados. Considerou-se também nessa avaliação a identificação de comunidades que a articulação desses grupos já se faziam presentes, de modo que ampliasse as possibilidades de êxito na execução, ao levar em conta curto prazo para planejamento e mobilização dos primeiros grupos.

Para o grupo de pescadores e pescadoras, que é propósito da análise deste documento, as comunidades escolhidas foram: **Balneário Reino dos Lagos; Cachoeira do Choro; Paraíso; distrito-sede de Morada Nova de Minas; Indaiá de Baixo; e Sede de Três Marias.** A descrição dos grupos e as características das comunidades serão explicitados em seção posterior junto aos resultados.

Além disso, visando a proteção dos dados, os relatos das participantes dos grupos focais descritos neste relatório, estão com os nomes anonimizados, assim como as comunidades a que pertencem, apresentando somente a sigla da transcrição e a regional do município de referência.

Para a seleção dos participantes procurou-se não homogeneizar demais o grupo, no sentido de todos e todas falarem a mesma coisa, nem colocar diferenças e barreiras intransponíveis entre os participantes, fazendo com que eles não consigam dialogar entre si (“não falar a mesma língua”). Dessa forma, buscou-se observar a idade das pessoas participantes, a escolaridade, o vínculo de proximidade ou de parentesco entre eles (para evitar possíveis monopólios de falas e interferências em seus conteúdos), o tipo de relação com a empresa Vale S.A e com o Instituto Guaicuy, entre outras variáveis na hora de recrutar os potenciais participantes.

Para isso também foram utilizados o conhecimento dos setores da Coordenação de Extensão Técnica e da Coordenação de Campo, além dos agentes responsáveis pela mobilização, contando igualmente com o auxílio de dados previamente obtidos pelo Diagnóstico Familiar e Individual sobre Perdas das Pessoas Atingidas (DFIPA) e pela Pesquisa Domiciliar que contemplaram essas comunidades das regiões 4 e 5.

Mais adiante, há seções correspondentes com quadros detalhando o perfil de todos os participantes dos grupos focais. Ao todo, foram 51 participantes distribuídos nesses seis grupos focais, uma média de oito participantes por grupo.

Importante ressaltar que a organização, análise e os resultados parciais obtidos neste relatório do grupo específico de pescadores/as, foram executados pela equipe de Pesquisa em Ciências Sociais e Pesquisa em Gestão da Informação, e posteriormente, a continuação da análise e a produção do relatório final passou a ser desenvolvida pelo Escritório de Projetos Socioeconômicos. Isto é, esse documento segue a mesma estrutura do relatório parcial anteriormente divulgado, considerando o acréscimo dos dados e resultados que faltavam com o intuito de finalizar a PADES.

2.2 Organização do Grupo Focal

A equipe dos grupos focais era composta, basicamente, por quatro profissionais do Instituto Guaicuy: moderador(a); observador(a); relator(a) e suporte, sendo este profissional responsável, em alguns casos, pelas recepção e dinâmica inicial e final dos grupos (místicas).

A definição da equipe responsável por organizar e conduzir os grupos de discussão recai em alguns desafios. Primeiramente, buscou-se escolher para o papel da moderação alguém que tivesse atuação acadêmica, profissional ou de militância frente ao grupo específico em questão, em consonância e articulação com as orientações do Grupo de Trabalho Especificidades³. Além disso, escolheu-se um profissional com aproximações com a comunidade onde o grupo foi realizado, ou seja, que as pessoas atingidas pudessem já conhecer essa pessoa.

Deve-se ressaltar que a organização, planejamento e execução do grupo de discussão é de responsabilidade do antigo Setor de Extensão Técnica do IG. Esses pontos recaem na definição da comunidade, a seleção e recrutamento dos

³ O Grupo de Trabalho de Especificidades surgiu a partir da necessidade de se discutir e deliberar de forma integrada, multi e interdisciplinar ações e normativas relativas a grupos específicos exercendo o trabalho com grupos específicos com os seguintes grupos sociais: mulheres, infâncias e juventudes, população negra, pessoas idosas, pescadoras/es e Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs), de forma a fomentar participação informada desses grupos, integralizar as ações e normativas do Instituto Guaicuy a eles relativas e elaborar normativas metodológicas integradas de levantamento de agravamentos de danos sofridos por eles.

participantes e a definição dos profissionais e os papéis de cada um deles para a realização do grupo focal.

Para a definição do dia e horário do grupo foi levado em conta a dinâmica local da comunidade, ou seja, quais seriam os momentos mais propícios para a participação dessas pessoas (e que pudesse alterar menos a rotina delas). Além disso, os convites eram feitos com antecedência e com um pedido de confirmação para um melhor planejamento da atividade, inclusive indagando se havia necessidade de transporte até o local do grupo focal.

Dessa forma, os grupos focais são oportunidades cruciais de identificarmos, compreendermos e estabelecermos as relações de sentido entre os danos e os seus agravamentos relacionados ao rompimento da barragem. Acrescido a isso, é possível despertar uma identidade compartilhada entre as pessoas desses grupos específicos e um processo reflexivo entre elas quanto a intensidade e consequências dos danos. E, ainda que não seja objetivo da pesquisa, essa articulação e oportunidade de encontro pode vir a reforçar laços identitários e comunitários entre as pessoas participantes.

2.3 Análise Qualitativa

A análise de dados teve como objetivo descrever e compreender as percepções, crenças e intencionalidades dos participantes acerca dos danos que os grupos específicos (no caso aqui dos pescadores artesanais) sofreram de forma peculiar, pensando na intensidade, agravamento e consequências dos danos.

Para isso, utilizamos a técnica da *análise de conteúdo* que, segundo Bauer (2008), possui uma característica híbrida de ser tanto *quantitativa* (focando mais em uma lógica frequentista de incidência e relações de palavras ou conjunto de palavras) quanto *qualitativa* (foco maior nos significados e sentidos compartilhados).

Análise de conteúdo pressupõe procedimentos sistemáticos e objetivos (organização e definição do *corpus dos dados*; categorização e codificação; definição da análise; apresentação dos resultados, entre outros), a fim de fazer

inferências válidas de dados visuais, verbais ou escritos, perpassados pelos princípios da confiabilidade e replicabilidade (Sampaio, Lycarião, 2021).

Nesse sentido, partindo das transcrições integrais dos grupos focais, procuramos nos ater aos vocábulos mais frequentes nos discursos dos/as participantes, levando em conta os contextos (*quando*) e os sentidos produzidos e compartilhados (*como*).

Para isso foi feita, ao primeiro momento, uma leitura atenta das transcrições, criando códigos que identificassem as falas dos participantes, com objetivo de facilitar a nossa análise ao fazer uma correspondência das menções ao perfil do interlocutor, bem como examinar possíveis concentrações (ou não) de fala durante o grupo. Posteriormente, definimos algumas categorias e códigos⁴ com base no nosso problema de investigação e do que foi emergindo durante a dinâmica do grupo focal.

Assim, as categorias/subcategorias tratam da questão da identidade e pertencimento àquele grupo específico; da percepção sobre o outro nessa inter-relação dentro do contexto do desastre socioambiental; e dos danos ocasionados para aquele grupo, sejam eles danos genéricos ou mais agravados devido a sua especificidade. Por fim, definimos a forma de analisar esse corpus textual e apresentação dos resultados, fazendo uma combinação entre abordagens qualitativas e quantitativas, utilizando referências como o conteúdo sistematizado de tabelas, quadros e matrizes.

Portanto, a análise partiu tanto de uma perspectiva quantitativa (lógica frequentista), observando a frequência utilizada de determinadas palavras e/ou o conjunto delas (contagem de palavras, nuvem de palavras), o que nos auxilia a fazer uma descrição mais assertiva das falas dos participantes do grupo⁵; quanto de um caráter mais interpretativo, cujas dinâmicas são construídas intersubjetivamente e diz respeito aos entendimentos produzidos e argumentos e justificativas difundidos pelos participantes (ideia semântica dentro do contexto em questão).

Assim, procuramos identificar nesta análise os aspectos que foram padrões durante os grupos de pescadores/as, demonstrando os pontos de consenso e de divergência

⁴ A lista de códigos utilizada e seus significados serão mais bem explanados em seção adiante.

⁵ Pensando o grupo focal como uma unidade (*o todo*) e não como uma soma isolada dos participantes (*partes do todo*).

nesses grupos, principalmente referente aos danos mais mencionados e agravados: *quais* são eles e *de que* forma eles ocorrem e são percebidos dentro desse grupo.

Destaca-se que a análise aqui apresentada tem relação direta com o roteiro do grupo e com a sua execução, e assim, pode ter variações dos dados obtidos, até mesmo devido àquilo que os participantes consideraram mais relevante e interessante durante as discussões. Além disso, a fim de focar nas peculiaridades e dramatizações de cada grupo, preferimos fazer as nossas análises de forma separada. Deste modo, esse documento apresenta especificamente a análise do grupo específico de pescadores/as artesanais.

A investigação a ser apresentada se atém, portanto, com foco no que foi manifestado e tem caráter explícito durante os grupos focais. Há uma ideia de exterioridade, no qual se busca criar uma imagem ou quadro sobre os danos e seus agravamentos dentro desses dois grupos específicos.

2.3.1 Quadro de Codificação

Nesta seção apresentaremos as principais categorias mobilizadas para essa pesquisa, referentes ao processo de codificação das falas das/os participantes do grupo focal. Destaca-se que cada quadro abaixo tem relação específica com a fase do grupo de discussão, ou seja, os momentos e objetivos da dinâmica. Para esse processo de codificação, bem como para a análise dos dados, utilizamos o software MAXQDA, com abertura de quatro projetos distintos dentro dele, um para cada um dos grupos estudados.

Para a construção dessas categorias, adotamos um movimento dialético constante de ler as transcrições (ver o que emergia nos dados) e voltar nos objetivos da PADES, nos danos elencados pela Matriz de Danos⁶ e na literatura especializada. Ressalta-se que essas categorias podem ser alteradas/acrescidas a depender do grupo de especificidade.

⁶ Em linhas gerais, a Matriz de Danos é uma tabela que permite às pessoas atingidas apresentarem os danos sofridos por elas e fazer a soma geral dos valores indenizatórios de suas perdas, e, com isso, se inserir na disputa de forma juridicamente qualificada.

Primeiramente, apresentamos as categorias referentes à *percepção da construção da identidade e do reconhecimento* enquanto um grupo específico (pertencimento), bem como a percepção da diferença em relação ao outro, dentro desse contexto do desastre-crime.

Em outras palavras, objetiva-se apreender como, por meio dos discursos, é que se dá a produção e compartilhamento dos sentidos da identidade de ser mulher, pescador(a) artesanal e/ou negra/o (Charaudeau, 2015). Tem-se que a identidade é construída na relação ou confrontada com o outro⁷. Além disso, na hora de se apresentar e apresentar o outro, tendemos a fazer representações positivas para o grupo que pertencemos (auto-apresentação positiva) com léxicos que enfatizam as qualidades, enquanto o outro é representado negativamente⁸ (Van Dijk, 2008).

Diante disso, para este primeiro momento definimos duas macrocategorias, possuidoras de caráter mais amplo: *Movimento de Atração*, que diz respeito a uma espécie de denominador comum àquele grupo (ideia de união e de aproximação entre os participantes⁹); e *Percepção da Diferença*, que tange às relações com outros atores e sujeitos (e a visão sobre cada um deles), atores esses que permeiam o local e o contexto das/dos participantes (Charaudeau, 2015, 2016; Van Dijk, 2008, 2015).

O quadro abaixo sintetiza essas duas macrocategorias e categorias a ela associadas, bem como os significados delas:

Quadro 1 - Macrocategorias e Categorias do Grupo de Especificidade

Macrocategoria	Categorias	Descrição
Movimento de Atração	Reconhecimento e Pertencimento	Referem-se a aspectos relacionados à identidade daquele grupo específico, na qual a pessoa atingida entende e reconhece que faz parte daquele grupo, ou seja, algo que as une coletivamente. Normalmente, tem um sentido adjetivo, e demonstra o que é ser mulher/pescador.

⁷ “Somente percebendo o outro como diferente que pode nascer a consciência identitária (...) Precisamos do outro, do outro na sua diferença, para tomar consciência de nossa existência (...) Eu é um outro” (CHARAUDEAU, 2015, p. 19-20).

⁸ Van Dijk (2008) chega a falar em auto-apresentação positiva e outro-apresentação negativa, o que permeia a construção de estereótipos e de discursos polarizados. Para isso, ele analisa os aspectos sociocognitivos do discurso do fenômeno do racismo institucional e midiático.

⁹ É no sentido de direção a um mesmo ponto, em que as pessoas compartilham histórias, entendimentos e construções sociais e culturais que as aproximam (Charaudeau, 2016).

Movimento de Atração	Características Comuns	Diz respeito a atividades, tarefas, rotinas e ações cotidianas que aquele grupo costuma fazer que o caracteriza e são partilhadas como um todo. Normalmente, não tem um sentido adjetivo, visando mostrar e descrever mais a vida diária do grupo específico.
Movimento de Atração	Auto-apresentação positiva	São termos e menções que buscam representar quem você é ou o seu grupo, no sentido de mostrar os pontos positivos daquele grupo. A auto-apresentação positiva, muitas vezes, é feita em contraposição ao outro, no qual nós possuímos boas qualidades, enquanto os outros têm seus pontos negativos enfatizados, ou seja, há um discurso de polarização.
Percepção da Diferença	O “outro”: outras pessoas atingidas	Quando o grupo menciona e apresenta visões sobre as outras pessoas atingidas, pessoas essas que não são entendidas como pertencentes àquele grupo. Nesse sentido, há descrições dessas pessoas atingidas e até mesmo percepções sobre “nível de atingimento” que elas sofreram, seja ele maior ou menor.
Percepção da Diferença	O “outro”: a Vale	Falas dos participantes que descrevem, analisam e opinam acerca da Vale e suas ações/omissões quanto aos danos e à política de reparação. Ou seja, há um processo de construção da imagem da empresa perante o grupo em questão, podendo ter menções positivas ou negativas.
Percepção da Diferença	O “outro”: o Guaicuy	Quando os participantes mencionam o Guaicuy e a sua atuação enquanto ATI. Essas falas podem ser tanto positivas quanto negativas e também tem relação com a construção da sua imagem da organização perante o grupo
Percepção da Diferença	Atores institucionais (Instituições de Justiça, Compromitentes)	Falas dos participantes quando mencionam a atuação, ações dos atores institucionais em relação aos danos e o processo de reparação. Também apresenta um sentido de construção da imagem desses atores, podendo ter menções positivas ou negativas.

Fonte: Elaboração própria, 2023.

As falas que denotam algum dano expressas nos grupo focais foram categorizadas em três macrocategorias, *dano genérico*, *dano com agravamento* e *dano específico*, tendo a segunda quatro subcategorias distintas, conforme apresenta o quadro a seguir.

Quadro 2 - Categorias de danos

Macrocategoria	Categoria	Descrição
Dano genérico	-	Diz respeito ao dano que atingiu de forma indistinta as pessoas atingidas, e não guarda uma relação de agravamento com o grupo específico em questão. Esse registro consta no processo de categorização, mas não é alvo de análise da pesquisa.
Dano com agravamento	-	Denota uma peculiaridade de expressão de dano já conhecido devido à especificidade, seja no agravamento do dano ou nas consequências deles, qualificando-os pela sua maior intensidade, generalidade ao grupo, desencadeamentos ou por ser fruto de processo discriminatório.
Dano com agravamento	Agravamento por generalidade	Quando o dano não é necessariamente exclusivo de um grupo específico ou mesmo não é necessariamente mais intenso sobre determinado grupo, mas há indícios que tenham ocorrido com todas as pessoas desse determinado perfil específico, sendo comum a todas elas. Pergunta orientadora: Esse dano acometeu a todas as pessoas desse grupo específico?
Dano com agravamento	Agravamento por intensidade	Quando o dano não é necessariamente exclusivo de determinado grupo social e não ocorreu necessariamente com todos os seus membros, mas sua ocorrência é dotada de maior gravidade para as pessoas de determinado grupo social que sobre aquelas que não pertencem a ele. Pergunta orientadora: Esse dano acometeu esse grupo de pessoas de forma mais intensa ou severa (em comparação a quem não é do grupo)?
Dano com agravamento	Agravamento pela consequência	Quando um dano ocorrido pode levar a outros danos para um grupo específico que não ocorre necessariamente com outros segmentos populacionais da mesma maneira, levando a um acúmulo de impactos

		ou prevalência de impactos por mais tempo para esse determinado grupo. Pergunta orientadora: Esse dano teve consequências diferentes para as pessoas desse grupo específico (que não teve para outras pessoas)?
Dano com agravamento	Agravamento discriminatório	Quando a manifestação do dano decorre associado a processo discriminatório devido ao pertencimento a um grupo social específico. Pergunta orientadora: O dano aconteceu com base em processo discriminatório devido a pessoa ser desse grupo específico?
Dano específico ¹⁰	-	Define-se pela expressão de dano que não era conhecido previamente, e que atinge especificamente determinado grupo social, pensando nas suas particularidades quanto a seus modos de vida, coesão e organização social.
Formas de Comprovação	-	Evidencia-se pelas possibilidades e sugestões de comprovação, por meios formais e informais, da atividade do grupo específico de pescadores artesanais.

Fonte: Elaboração própria, 2023.

Ressalta-se que neste relatório focaremos mais nas categorias e códigos de danos (quadro logo acima) e naquelas referentes à identidade. As categorias de diferença (primeiro quadro) não serão apontadas, devido a baixa interlocução das falas em relação a essas categorias.

Em sequência, apresentamos duas técnicas de análise e de visualização de dados utilizadas junto aos grupos focais: a *nuvem de palavras* e a *análise de sentimentos*. Estas duas técnicas permitem sintetizarmos os dados gerados e entendermos os termos e emoções mais frequentes e difundidos nesses espaços.

¹⁰ Essa categoria não foi alvo de análise neste documento, mas consta como uma possibilidade de registro dos danos relatados no processo de categorização, caso seja encontrado conteúdo que relate algum dano que ainda não foi previsto pela Matriz de Danos e que denote mais nas comunidades ou em ofícios tradicionais.

2.3.2 Nuvem de Palavras

A nuvem de palavras (ou *nuvem de tags*) é uma técnica de pesquisa que permite visualizar uma lista, de forma hierarquizada, das palavras mais mencionadas durante o grupo de discussão. Ou seja, são aquelas palavras que foram mais mobilizadas dentro daquele contexto, tendo uma conotação mais frequentista e valorativa delas. Assim, é possível perceber quais conteúdos foram centrais dentro dessas discussões de acordo com o tamanho desses vocábulos e a posição deles dentro da representação visual.

Para sua elaboração neste documento, alguns parâmetros foram adotados para se obter um resultado passível de interpretação, isso inclui a retirada automatizada de palavras sem valor interpretativo e de alta frequência, tais como artigos, preposições, conjunções, etc., e retirada deliberada de outras palavras de alta frequência e pouco valorativas (tais como, “porque”, “gente”, “vai”, entre outras), bem como de numerais e palavras de baixa frequência, que individualmente não alcançam 3% do total de palavra do *corpus* de cada especificidade. Os processos de preparação dos dados e geração da figura em si foram executados no software R com auxílio dos pacotes *tm* (*Text Mining Package*), desenvolvido especificamente para mineração de dados em formato de texto, e *wordcloud* (*Word Clouds*).

2.3.3 Análise de Sentimentos

Análise de sentimentos (ou mineração de opinião) consiste em uma técnica processual para analisar um *corpus textual*, a fim de determinar se o tom emocional da mensagem é positivo, negativo ou neutro (maneira agregada), bem como os principais sentimentos associados ao *corpus* (alegria, tristeza, surpresa, medo, entre outros).

Esse método se situa dentro do campo de processamento de linguagem natural e é exclusivamente dedicado à compreensão de opiniões subjetivas ou sentimentos agregados dentro do limite de um documento específico. Para isso, as análises de

sentimentos (e suas variações de e tipos¹¹) utilizam Inteligência Artificial (IA) orientada por dados e *Machine Learning* (ML), a fim de desenvolver algoritmos que propiciam fazer julgamentos, classificações e previsões analíticas.

A técnica empregada especificamente neste estudo faz uma varredura do texto em busca de palavras e expressões idiomáticas que tenha correspondência com o léxico desenvolvido por Saif Mohammad pesquisador da NRC (National Research Council Canada), em uma adaptação à língua portuguesa, em que para cada correspondência atribui um sentimento e ou emoção. Esse léxico e o processo de correspondência estão incorporados no pacote complementar *textdata* do software R. Como resultado se obtém uma análise frequentista das emoções ou sentimentos cujas expressões originais tiveram correspondência com o referido léxico.

Neste trabalho, que se baseia sobretudo na análise do conteúdo e das falas e dos discursos registrados, a análise de sentimentos se restringe a um esforço exploratório sobre as emoções mobilizadas no conjunto dos grupos de cada especificidade, servindo de complemento ao entendimento geral sobre o clima e o cenário os quais os grupos se passaram.

3. RESULTADOS

3.1 Comunidade escolhidas

Os grupos focais com pescadores/as artesanais foram realizados nas seguintes localidades: **Balneário Reino dos Lagos; Cachoeira do Choro; Indaiá de Baixo; Paraíso; distrito-sede de Morada Nova de Minas; e Sede de Três Marias.** O quadro abaixo sintetiza como se deu a realização dos seis grupos focais junto aos pescadores/as, com base nas variáveis, *onde* (comunidade), *quando* (data do grupo), *a quantidade de participantes* e *a duração do grupo*:

Quadro 3 - Síntese dos grupos realizados: pescadores artesanais

Local	Data	Participantes	Duração
Balneário Reino dos Lagos - R4	03/02/2023	6 (4 homens e 2 mulheres)	1h05

¹¹ Para saber mais sobre os tipos de análise de sentimentos, veja este artigo: <https://www.infoq.com/br/articles/sentiment-analysis-whats-with-the-tone/>.

Cachoeira do Choro - R4	30/09/2022	8 (5 homens e 3 mulheres)	2h30
Indaiá de Baixo - R50	03/02/2023	5 (5 homens)	51min
Paraíso - R5L	27/09/2022	12 (8 homens e 4 mulheres)	1h33
Distrito-sede Morada Nova de Minas - R50	06/10/2022	4 (3 homens e 1 mulher)	1h15
Três Marias Sede - R5L	01/02/2023	16 (6 homens e 10 mulheres)	1h10

Fonte: Elaboração própria, 2023.

1) Balneário Reino dos Lagos (Regional 4)

Balneário Reino dos Lagos é um loteamento localizado às margens da represa de Três Marias. A comunidade é reconhecida como área urbana do município de Pompéu. Há aproximadamente 130 famílias na comunidade, entre elas, residentes fixos e múltiplas residências, em que apresenta como estimativa populacional 450 pessoas. Nota-se uma diversidade na forma de ocupação e poder econômico dos residentes. Muitas das casas são utilizadas para locação a turistas.

Na comunidade há cerca de 30 pescadores. Destes pescadores, 12 possuem vínculo com a Colônia de Pescadores Artesanais e Aquicultores de Três Marias¹² Z05, com sede em Três Marias. Muitos foram impossibilitados de exercer a atividade, devido, principalmente, ao estigma da contaminação causando dano à imagem do peixe, impactando setores como turismo e comércio.

A propósito, sobre a realização do grupo focal, a compreensão entre as pessoas presentes de como o rompimento as afetou de maneira específica foi mediana. Houve entendimento de que o desaparecimento ou diminuição de algumas espécies de peixes é um dano que afeta o grupo, contudo, danos como adoecimento em razão do contato com a água da represa foram levantados sem, no entanto, serem apontados como agravamentos para o grupo. Apesar dessa dificuldade de compreender a dimensão do agravamento do dano, isso não gerou prejuízos na condução da atividade, visto que as manifestações sempre partiram da vida enquanto pescador(a).

¹² A empresa Colonia Dos Pescadores Artesanais E Aquicultores De Três Marias E Região - Z05, que tem a razão social COLONIA DOS PESCADORES ARTESANAIS E AQUICULTORES DE TRÊS MARIAS E REGIÃO - Z05, está presente no segmento de Sindicatos e foi fundada em 1981.

Além disso, aponta-se que talvez os/as participantes do grupo poderiam ser melhor programados entre aqueles pescadores(as) que trazem a pesca como um elemento tradicional de construção de identidade. A variedade do público foi bastante prejudicial para a condução da atividade e para o entendimento da dimensão de coletividade específica que sofre agravamento de determinados danos em decorrência a essa característica específica.

Por fim, neste grupo foi realizada a dinâmica da tarjeta de danos – “Dinâmica dos barquinhos” –, com vistas a considerar os danos mais ou menos graves pensando na especificidade em questão. Os danos levantados como mais graves foram: danos econômicos relacionados à estigmatização; perda, interrupção, inviabilização, redução ou mudança forçada de atividade profissional ou laboral; interrupção, diminuição, ou alteração negativa de atividade de comercialização do escambo de pescados; aumento de despesas para aquisição de alimentos e com deslocamento ou hospedagem para exercício de atividade e outros prejuízos relacionados à locomoção e à mobilidade territorial urbana e rural; danos aos saberes, modos de fazer e modos de vida; danos à soberania e segurança alimentar e nutricional; danos à serviços ecossistêmicos relacionados à água; e danos causados pela ação ou omissão na reparação.

Figura 2 - Tarjeta de Danos - Grupo Balneário Reino dos Lagos/Pescadores Artesanais



Fonte: Elaboração própria, 2023.

2) Cachoeira do Choro (Regional 4)

A comunidade de Cachoeira do Choro, localizada às margens do rio Paraopeba, no município de Curvelo, apresenta uma estimativa de 386 moradias, totalizando cerca de 1.544 habitantes. Essa comunidade foi atingida com o rompimento da barragem de rejeitos, uma vez que, devido à proximidade com o rio, apresentava grande movimento turístico em função da Cachoeira, das áreas de lazer e da pesca artesanal. No local, além do abalo na saúde física e mental das pessoas, identificou-se problemas como a dessedentação de animais, como causa do cercamento das áreas no entorno do rio, e, ainda, a queda do turismo tem provocado danos consideráveis na economia local.

No que concerne à realização do grupo focal, a avaliação geral foi de que a atividade foi satisfatória. Durante as dinâmicas iniciais as pessoas que compõem o grupo se mostraram interessadas, o que proporcionou um ambiente descontraído. Posteriormente, algumas pessoas manifestaram cansaço em relação à realização de várias atividades e pouco retorno efetivo das medidas de reparação, ou seja, cansaço em relação à demora de todo o processo. Nesse sentido, houve menções consideráveis sobre a dificuldade de conseguir acessar o Programa de Transferência de Renda. No entanto, a avaliação geral foi positiva, com as pessoas participando e a dinâmica de análise dos agravamentos dos danos sendo realizada satisfatoriamente.

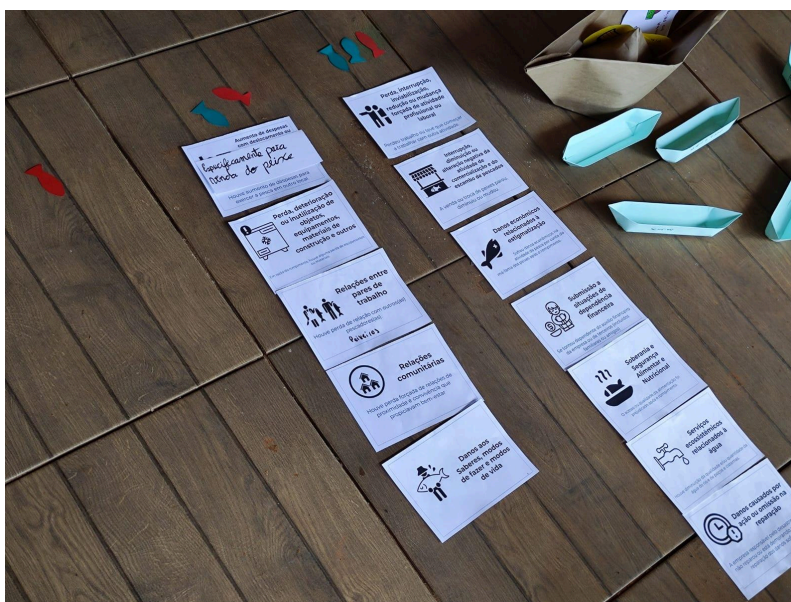
Por fim, neste grupo também foi utilizada a dinâmica da *tarjeta de danos*, com vistas a considerar os danos mais ou menos graves pensando na especificidade em questão. Os danos localizados como mais graves foram: a perda de clientes, a impossibilidade de continuar a pescar (perda da atividade pesqueira), perda na qualidade da alimentação (soberania e segurança alimentar), e prejuízos na qualidade da água (serviços ecossistêmicos). Os argumentos mobilizados no momento de dialogar esses danos, assim como os sentidos atribuídos quanto aos danos trazidos para vida dessas pessoas serão apresentados em seção mais adiante.

Figura 3 - Tarjeta de Danos - Grupo Cachoeira do Choro/Pescadores Artesanais

leitura muito profunda de alguns dos danos sofridos, fazem uma boa ligação de como foram afetados e relatam as mudanças ocorridas. Apesar de poucas pessoas (5 presentes), o grupo se mostrou bem interativo e participativo.

Em relação a tarjeta de danos, dinâmica utilizada para classificação dos danos em mais ou menos graves, as pessoas presentes classificaram como mais graves: perda, interrupção, inviabilização, redução ou mudança forçada de atividade profissional ou laboral; interrupção, diminuição ou alteração negativa da atividade de comercialização e do escambo de pescados; danos econômicos relacionados à estigmatização; submissão a situações de dependência financeira; danos à soberania e segurança alimentar e nutricional; e danos causados por ação ou omissão na reparação. Não houve nenhum dano considerado menos grave.

Figura 4 - Tarjeta de Danos - Grupo Indaiá de Baixo/Pescadores Artesanais



Fonte: Elaboração própria, 2023.

4) Paraíso (Regional 5 Leste)

A localidade Paraíso, situada às margens do reservatório da UHE Três Marias no município de Felixlândia, possui cerca de 56 habitantes, que residem em 30 moradias. É uma comunidade caracterizada por ranchos de pesca, em que a vida comunitária é estabelecida em torno dessa atividade e com a presença da pesca artesanal (ofício tradicional). Em alguns casos esses ranchos são mais utilizados aos finais de semana, principalmente no local denominado como Fazenda do Estreito.

A realização do grupo focal ocorreu conforme o planejado e trouxe um resultado satisfatório. Ao todo, participaram 12 pessoas, pescadores e pescadoras da região. O observador da atividade informou que houve dificuldade do grupo em compreender o nome utilizado pelo Instituto Guaicuy para definir a categoria, “pescadores artesanais e de subsistência”. No entanto, após a explicação da mediadora foi possível compreender o termo e os pescadores se mostraram confortáveis com a dinâmica de reconhecimento.

A comunidade sofre diretamente em decorrência do rompimento da barragem B-I. Os principais danos verificados e relatados são referentes aos prejuízos das pessoas que trabalham com a pesca decorridos da diminuição de turistas e dificuldades na comercialização de pescados e outros produtos relacionados à cadeia da pesca. Há danos verificados à saúde emocional e física de parte da população residente na comunidade.

Os referidos danos se fizeram presentes durante a dinâmica da *tarjeta de danos*, dinâmica essa que também foi utilizada neste grupo. Porém, ao contrário de *emojis*, utilizados em outros grupos focais, neste foi usado o número de peixes para considerar a intensidade do dano: quanto maior o número de peixes, maior a gravidade do dano em questão. Dessa forma, *um peixe para danos considerados menos agravados; dois peixes para danos graves; e três peixes para os danos mais agravados*.

Figura 5 - Tarjeta de Danos - Grupo Paraíso/Pescadores Artesanais



Fonte: Elaboração própria, 2023.

5) Distrito-sede Morada Nova de Minas (Regional 5 Oeste)

O distrito-sede encontra-se às margens do reservatório da UHE Três Marias no município de Morada Nova de Minas, onde há também a maior densidade populacional. A localidade ainda sofre diretamente impactos negativos em decorrência do rompimento da barragem B-I. Entre os danos estão a queda da venda e do preço dos peixes e outros produtos da cadeia do pescado, além da queda no turismo.

A realização desse grupo focal contou com algumas dificuldades. A primeira delas foi o não comparecimento de algumas pessoas. Após o aguardo de 30 minutos, apenas 4 pescadores compareceram. Desse modo, a atividade iniciou com atraso e gerou alguma ansiedade para que fosse finalizada, comprometendo a realização da dinâmica de encerramento. Houve também dispersão, devido ao fato dos interlocutores se conhecerem previamente (com a presença, inclusive, de um casal).

Essas questões, apesar de terem sido trabalhadas pelo facilitador da atividade, prejudicaram a discussão aprofundada dos danos e seus agravamentos. Por isso, a avaliação do observador deste grupo focal foi de que, devido especialmente à dispersão e ao baixo quantitativo de pessoas, não foi possível compreender de forma transparente se houve a captação dos agravamentos dos danos dos pescadores.

A dinâmica escolhida para a marcação da intensidade dos agravamentos dos danos pelos pescadores foi a *tarjeta de danos*, em que a cada dano apresentado os/as participantes atribuem uma determinada quantidade de peixes recortados em papel, de acordo com o grau de agravamento: *um peixe para danos considerados menos agravados, dois peixes para danos graves e três peixes para os danos mais agravados*.

Figura 6 - Tarjeta de Danos - Grupo Morada Nova de Minas/Pescadores Artesanais



Fonte: Elaboração própria, 2023.

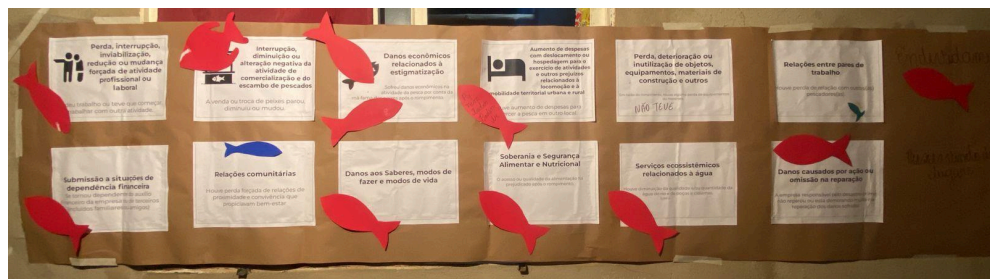
6) Três Marias Sede (Regional 5 Leste)

O município de Três Marias é uma das sedes localizadas às margens da Lagoa de Três Marias. Por esse motivo, apresenta diversos grupos de categorias produtivas atingidas, como é o caso das pessoas pescadoras e filetadeiras de peixes, além do comércio e turismo que, em decorrência do estigma da contaminação, sofreram danos econômicos e alterações nos seus modos de vida.

Em relação ao grupo focal, observou-se que, apesar de concordarem que toda a população foi atingida pelo rompimento, os participantes entendem que os profissionais envolvidos com a pesca foram atingidos de maneira muito específica, muito pela noção de pesca como um modo de vida. A atividade contou com a presença de um grande número de pessoas, dezesseis ao total. No entanto, poucas pessoas responderam as perguntas disparadoras, a fala ficou concentrada em três pescadores. Houve estímulo para a participação das mulheres pescadoras, que ficaram mais retraídas, apenas uma se colocou mais presente em alguns momentos.

Na dinâmica da tarjeta de danos, foram classificados como danos mais graves: perda, interrupção, inviabilização, redução ou mudança forçada de atividade profissional ou laboral; interrupção, diminuição ou alteração negativa de atividade de comercialização e do escambo de pescadores; danos econômicos relacionados à estigmatização; aumento de despesas com deslocamento ou hospedagem para o exercício de atividades e outros prejuízos relacionados à locomoção e à mobilidade territorial urbana e rural; submissão a situações de dependência financeira; danos aos saberes modos de fazer e modos de vida; danos à soberania e segurança alimentar e nutricional; danos aos serviços ecossistêmicos relacionados à água; endividamento; e substituição dos peixes da região.

Figura 7 - Tarjeta de Danos - Grupo Três Marias/Pescadores Artesanais



Fonte: Elaboração própria, 2023.

3.2 Perfil dos participantes

Ao todo, 51 participantes compuseram a primeira rodada dos grupos focais de pescadores/as, sendo 20 mulheres e 31 homens. A idade média entre aqueles/as que forneceram a informação foi de aproximadamente 54 anos. A escolaridade segue aproximadamente o padrão populacional da região, sendo que a maioria dos participantes com a escolaridade declarada tem ensino fundamental incompleto. No apêndice deste documento é possível visualizar o perfil dos participantes dos grupos dos pescadores/as artesanais de forma mais detalhada.

3.3 Nuvem de palavras

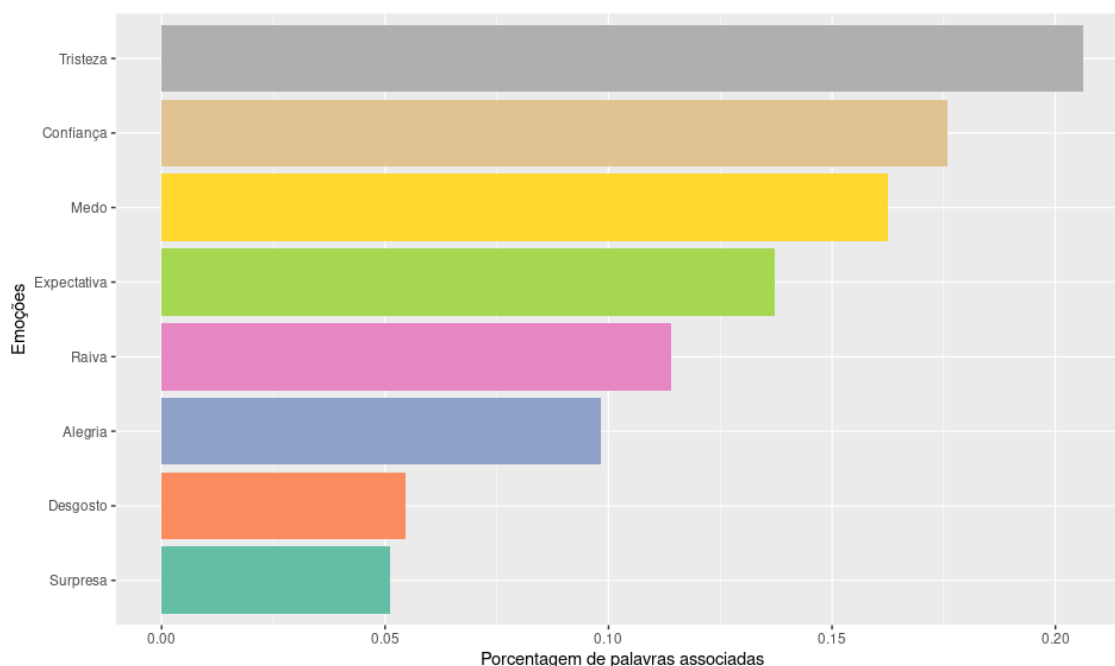
A imagem abaixo demonstra a nuvem de palavras dos seis grupos focais com pescadores/as artesanais. Como era de se esperar, a palavra central nessas

de indefinição sobre os rumos do futuro. Essas dimensões são acompanhadas da palavra *tudo*, que tem a função de qualificar e demarcar as mudanças sociais e as atividades da pesca devido ao rompimento da barragem. Em suma, *tudo foi alterado na vida hoje* dos pescadores/as artesanais. O antes já não existe mais, e essa situação se aproxima com a palavra *acabou*, que também foi muito frequente nesses três grupos e possui valor significativo: *acabou o peixe, acabou a pesca, acabou comercialização - tudo acabou*.

Por fim, destaca-se a palavra *carteira* que é compreendida internamente e externamente como principal forma de comprovação do reconhecimento de ser pescador. Esse documento atesta que aquela pessoa pratica ou praticava a pesca profissionalmente, o que pode evitar possíveis fraudes e irregularidades nas políticas mitigatórias e reparatórias. Porém, como será mais bem explicitado adiante, a carteira pode não ser o meio mais adequado para o reconhecimento dos pescadores artesanais.

3.4 Análise de sentimentos

O gráfico abaixo sistematiza os principais sentimentos mobilizados durante os grupos de pescadores/as artesanais. As duas principais emoções foram a tristeza e a confiança, em patamares relativamente próximos, com pouco mais de 20% das palavras associadas à *tristeza* e 17,5% das palavras associadas à *confiança*.

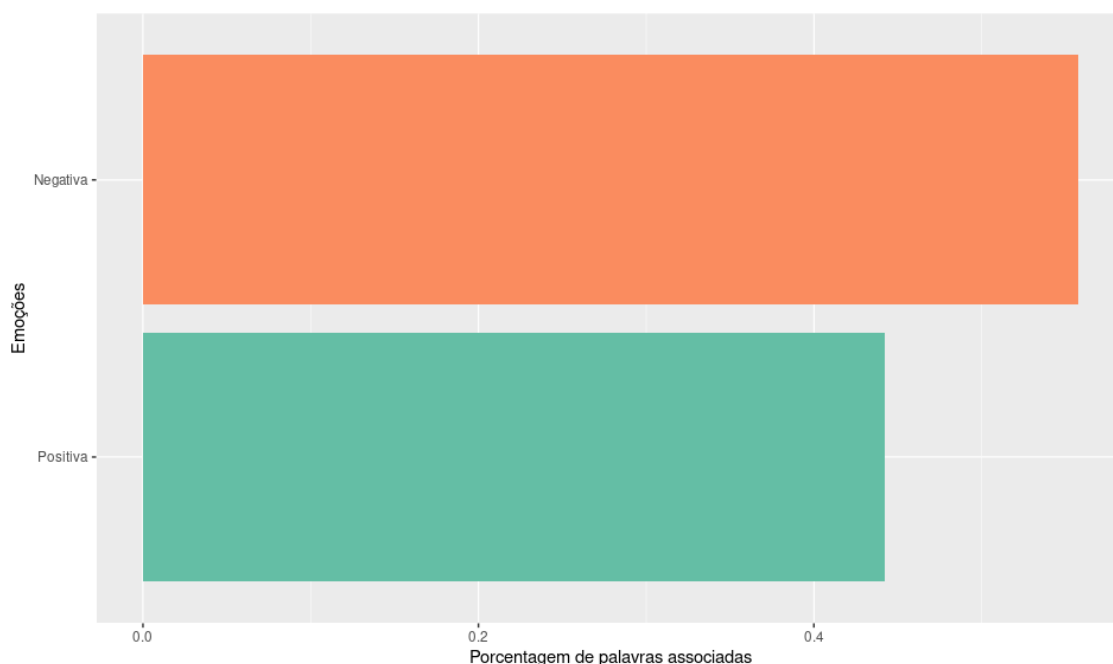
Gráfico 1 - Análise de Sentimentos dos Grupos de Pescadores/as Artesanais

Fonte: Elaboração própria, 2023.

Os sentimentos de *tristeza*, que foi o sentimento predominante, e *medo* refletem o contexto de insegurança, danos significativos e mudanças drásticas na rotina e nos elementos que permeiam a cadeia da pesca no modo de vida dos/as pescadores/as. A insegurança a qualidade da água, o receio de contaminação dos peixes, e também, a diminuição e perda da renda enquanto grupo que dependiam e viviam da pesca, são fatores que ao recordar durante os diálogos nos grupos focais, geram lembranças que desencadeiam tais sentimentos.

Emoções acerca da potencialidade de ser pescador/a artesanal e sensações como *confiança* junto ao processo reparatório - principalmente nas primeiras e terceiras partes do grupo - foram exploradas a fim de evitar processos de revitimização e de verificar a incidência dos danos quanto a identidade desses pescadores/as (movimento de atração) e em comparação com o outro (percepção da diferença). Assim, essas emoções podem aparecer em momentos em que a discussão não se centra diretamente nas consequências do rompimento e agravamento dos danos.

Ao agregamos todos esses sentimentos em apenas duas classificações (positiva ou negativa), temos o seguinte gráfico abaixo:

Gráfico 2 - Análise de Sentimentos Agregada dos Grupos de Pescadores Artesanais

Fonte: Elaboração própria, 2023.

Ao examinarmos os sentimentos de forma agregada, observamos que há mais emoções enquadradas como negativas do que positivas no grupo de pescadores/as artesanais. Esse cenário se aproxima do grupo focal realizado com as mulheres, onde também predominaram emoções negativas.

Essa similitude demonstra como a dinâmica do grupo focal mobilizaram sentimentos parecidos: nos dois casos, predominou-se o sentimento de *tristeza*, que aparece com maior frequência que a *confiança*, o segundo mais mobilizado.

Além disso, se compararmos os sentimentos mobilizados no grupo de pescadores/as em uma lógica de incidência entre pares daqueles designados como positivos ou negativos, observa-se que, geralmente, os negativos aparecem com maior frequência do que os positivos. Assim, a *tristeza* foi mais frequente que a *confiança*; o *medo* superou a *expectativa*; a *raiva* predominou mais do que a *alegria*; e o *desgosto* aparece mais do que a *surpresa*.

3.5 Análise dos danos e agravamentos

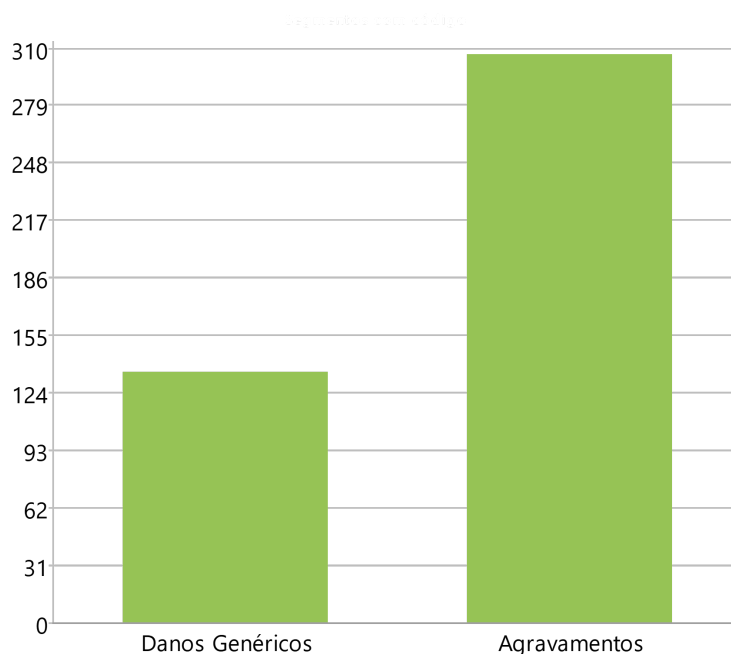
A PADES procurou trabalhar com grupos de pescadores/as artesanais e de subsistência nas regiões estudadas, tendo em vista a orientação das Diretrizes

Institucionais de atuação com os grupos específicos do Instituto Guaicuy. Os pescadores/as artesanais de subsistência podem ser definidos como grupos sociais que praticam a pesca com objetivo de subsistência familiar e comercialização em baixa escala, cujos modos de ser e viver se baseiam na simbiótica relação com o ambiente onde vivem¹⁴.

Considerando o desastre-crime do rompimento da barragem da Vale em Brumadinho e suas nefastas consequências aos recursos naturais, podemos considerar que os pescadores/as artesanais de subsistência passaram a vivenciar uma intensificação de situações de vulnerabilidade. Diferenciam-se de outros grupos sociais e produtivos com os quais trabalhamos, devido, entre outros fatores, à sua estreita relação com as águas, com os peixes e o território, como um todo.

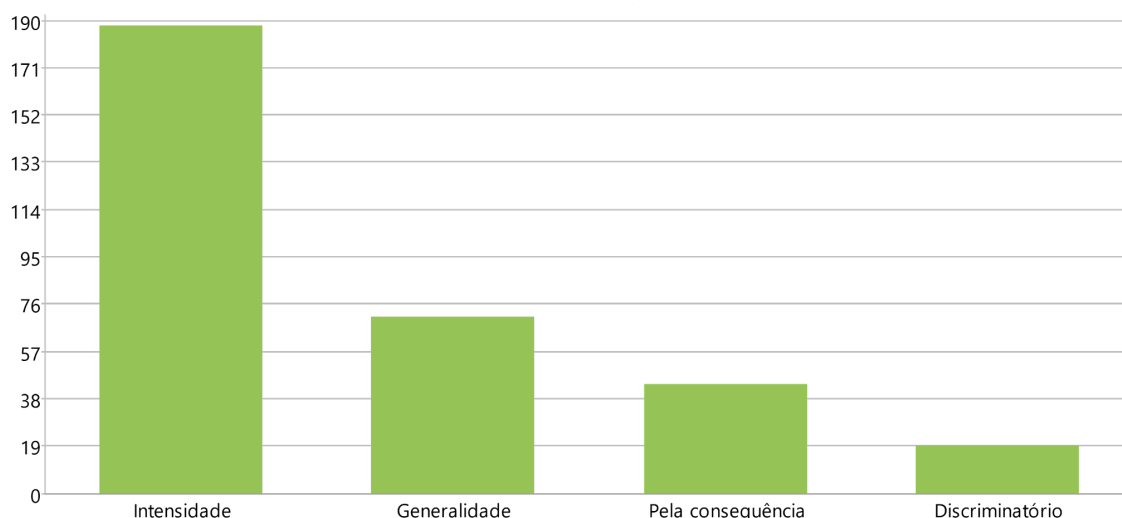
O registro obtido com os seis grupos focais realizados totalizam 442 falas dos/as participantes que denotam algum dano, sendo 307 dessas com algum indício de agravamento relacionado aos pescadores/as, conforme aponta o processo de categorização.

Gráfico 3 - Frequência da Presença de Danos nos Grupos dos Pescadores/as



Fonte: Elaboração própria, 2023.

¹⁴ INSTITUTO GUAICUY. Diretrizes institucionais para o trabalho com grupos específicos: Infância e juventude; Mulheres; PCTs; Pescadoras/es artesanais; Pessoas idosas; Pessoas negras. Belo Horizonte: Guaicuy. 2022.

Gráfico 4 - Frequência do Agravamento dos Danos nos Grupos dos Pescadores/as

Fonte: Elaboração própria, 2023.

Conforme o Gráfico 4, a categoria de agravamento mais comum foi o agravamentos por *intensidade*, com 188 falas associadas. A seguir, os agravamentos *generalidade* ao grupo e *pela consequência* tiveram 71 e 44 falas associadas, respectivamente. Por último, o agravamento *discriminatório* teve 19 falas associadas.

A maior parte das falas categorizadas com algum tipo de agravamento remetem aos danos provocados pela interrupção, diminuição ou alteração negativa da atividade pesqueira e das atividades a ela equiparadas e da interrupção, diminuição ou alteração negativa da atividade de comercialização e escambo dos pescados. Porém, como será possível observar pela análise aqui proposta, os danos, suas consequências e as várias formas de agravamento estudadas nesta pesquisa entrelaçam-se, ou seja, a partir dessa situação muitas outras consequências negativas afetaram o modo de vida e lançaram dúvidas em relação ao futuro dos pescadores/as artesanais e de subsistência.

3.5.1 A interdependência da pesca com o modo de subsistência

Um dos aspectos principais e que foi dado ênfase através das falas dos/as interlocutores durante os grupos focais se deu predominantemente no que concerne

a relação da pesca com a sobrevivência¹⁵ dos/as pescadores/as, isto é se correlaciona aos modos de vida de suas famílias e suas comunidades, incluindo as consequentes adversidades vivenciadas a partir das alterações nessas condições, como podemos observar nos relatos seguintes:

O que eu acho uma tremenda injustiça é não reconhecer esse pessoal como pescador oficial, porque já vai trazer desde o berço, desde criança. Os anos valiam com linha de carretel. Eu acho um absurdo. A gente vê que eles vivem disso, pegando piabinha no lençol para pôr no prato. E eu lembro no meu tempo de escola lá na nossa região passando pano no riacho, o cobertor para pegar peixinho para comer e não reconhecer que isso é pescador e também não tem outra fonte de renda. (S31339J03_PADES_Pessoa atingida do município de Pompéu_R5, **CF**).

A pesca era tudo na vida da gente, era um meio de tirar sustento da família, e hoje acabou com tudo. (S30305J02_PADES_Pessoa atingida do município de Curvelo_R4, **HF**).

Não querendo ser egoísta, mas a região nossa aqui os pescadores estão mais prejudicados porque a gente vive disso. (S30305J07_PADES_Pessoa atingida do município de Felixlândia_R5, **SG**).

E outra coisa, isso aqui não é só para nós, que somos pescadores, não, para os fileteiros também, viu? Porque, se a gente não trouxer o peixe, eles não ganham o dinheiro deles para sobreviver, não. (S31339J04_PADES_Pessoa atingida do município de Três Marias_R5, **JF**).

[...] se você parar de criar peixe aqui no Moradas, parar de pescar, Moradas morreu. Porque as pessoas daqui praticamente tudo sobrevive é de peixe. (PADES_Pessoa atingida do município Morada Nova de Minas_R5, **MC**).

O rompimento da barragem, a consequente interrupção da atividade pesqueira, bem como todas as questões relacionadas à dúvida sobre a qualidade das águas e do pescado prejudicaram a sobrevivência daqueles que dependiam da atividade como modo de trabalho e obtenção de renda.

Tendo a sobrevivência comprometida, os/as pescadores/as sofrem também com o comprometimento do seu projeto de vida, já que a perda da renda os/as impele a abandonar uma atividade que, em muitos casos, foi tradicionalmente estabelecida em suas vidas; ou até mesmo buscada de forma deliberada como projeto de vida. Nesse sentido, algumas falas relacionaram a alteração da atividade às dificuldades de encontrar novos caminhos profissionais e à desorientação quanto aos rumos a seguir:

Que é o momento mais difícil que nós pescadores estamos passando na nossa vida é depois que essa represa arrebentou pra Três Marias, todo

¹⁵ A sobrevivência aqui refere-se à produção e reprodução da vida, realizada através do trabalho (BASTOS, 2010; TIRIBA, 2021).

mundo inventa documentação e nós fica, não tem saída para nós. Nós o jeito é aguentar. E nós já rodamos a nossa vida aqui. Hoje não. Ninguém quer erguer nessa vida de nós não. Depois que veio veneno para dentro da nossa represa, acabou com nós pescadores. (PADES_Pessoa atingida do Município de Morada Nova de Minas_R5, **JB**).

O que nós vamos fazer? Acabou a nossa profissão. Acabou. (S31339J05_PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5, **CS**).

A gente perde até o ritmo que você não tem mais aquele animo de vim. Você está aqui. Como é que você vai pescar? Tira a gente do chão (PADES_Pessoa atingida do município de Felixlândia_R5, **VE**).

Pelo relato, percebe-se a angústia vivenciada por aqueles/as que perderam o meio de sobrevivência, quando relatam que “é o momento mais difícil que nós pescadores estamos passando”. A sensação de que “tudo acabou” e de “estar sem chão” expressa a dificuldade dessas pessoas em encontrar novas fontes de renda e de adaptação às mudanças provocadas nas suas formas de vida. “Ninguém quer erguer nessa vida de nós” manifesta a desolação em relação a uma atividade profissional que não gera os mesmos rendimentos de outros tempos e a sensação de abandono que eles sofrem.

A categoria dos/as pescadores/as, de modo particular, sofre com a perda de um meio de vida ao qual estavam habituados desde o início da vida profissional. Seja porque foi passado entre gerações, como também pelo aprendizado com o ofício ao longo do passar dos anos. Desse modo, viver do peixe além de ser uma rede que envolve diversas teias de significados, também conduz ao entendimento de si próprio enquanto identidade e meio de sobrevivência elementar.

3.5.2 Diminuição e Perda do trabalho e renda da cadeia do pescado

O agravamento concernente ao trabalho e renda de pescadores/as é um dos fatores centrais relatados pelos/as participantes, a dificuldade nesse setor em decorrência do desastre-crime se desdobra em aspectos de afetações que são cumulativas, ou seja, se desdobram em outras esferas da vida. Essa categoria foi compreendida como “*Muito Grave*” entre os interlocutores, incluindo a interrupção de seguir

exercendo a profissão e ter que procurar outras atividades, apontado como agravamento *mais intenso* generalizado ao grupo de pescadores/as, ou seja, danos que podem ter acometido todas as pessoas pertencentes ao grupo. Segundo podemos observar nas falas abaixo:

Por exemplo, um pescador que já tinha a situação muito difícil, porque já era bem complicada a vida do pescador, e veio essa complicação de venda, de comprador, esse tipo de coisa, a pessoa tem que mudar totalmente a sua estratégia de vida, e nem todo mundo tinha preparo para (conseguir) [00:36:53] outro tipo de emprego porque já acostumou, a vida toda exerceu com... fazer filé, esse tipo de coisa, e, como a demanda de filé para vender foi menor, com certeza, teve redução de fileteiro, de compra, de tudo. (S31339J04_PADES_Pessoa atingida do município de Três Marias_R5, **VMD**).

Eles não compram mais o peixe do tanto que compravam. Eu falo porque o [nome] que me comprava muito e, agora, ele não compra mais porque diz ele que não tem consumo. Quando ele vai lá, a gente trazia 30, 40 quilos por semana, ele, quando ele vai lá em casa agora, ele traz uns quatro, cinco quilos. (PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5, **MC**).

Agora, depois desse problema aí, o que acontece? Ninguém quer comprar o peixe. Eu mesmo tirei as minhas vendas. Eu vivo é disso. Nós não temos outra profissão. (S30305J07 _PADES_Pessoa atingida do município de Felixlândia_R5, **VE**).

De repente um peixeiro que comprava o nosso peixe teve um certo prejuízo porque teve que mudar até de profissão porque o peixe dele não estava vendendo, não é? (S31339J05_PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5, **LR**).

A dificuldade de conseguir outros tipos de atividades laborais, têm relação com a dimensão educacional. Conforme demonstrado na seção sobre o perfil de participantes, alguns pescadores/as possuem baixa escolaridade, o que os/as prejudica na hora de encontrar outras formas de trabalho. Um dos participantes expressou essa dificuldade da seguinte forma:

É, é difícil [exercer outra atividade profissional]. Bem difícil. Não é fácil não. É a mesma coisa de você sair da sua casa e ter que partir para outro país e ficar longe da sua família, não é? (S30305J02_PADES_Pessoa atingida do município de Curvelo_R4, **JJ**).

A restrição de encontrar outra profissão após a perda da pesca como atividade profissional foi expressa pelo participante como equivalente à situação de ser estrangeiro em um país distante. Essa dificuldade advinda das alterações negativas

na atividade da pesca relaciona-se também ao dano da perda, interrupção, inviabilização, redução ou mudança forçada de atividade profissional, e pode ser considerado mais um dano que foi agravado para esse grupo social devido à já mencionada constituição socioeconômica do grupo.

3.5.3 Danos ao lazer e as redes de sociabilidade

Outros aspectos relatados pelos/as pescadores/as participantes da pesquisa se referem a como as alterações negativas na atividade pesqueira causaram prejuízos ao lazer, às relações comunitárias e aos saberes, modos de vida e modos de fazer. A pesca, na fala de muitas pessoas, além do meio de obtenção de renda e sobrevivência aparece associada ao prazer, relaxamento, às formas de solidariedade comunitárias e aspectos de tradicionalidade voltados ao modo de vida e modos de fazer específicos da categoria.

Era um meio de sobrevivência, um prazer, que a gente pescava porque gostava, e para trazer o sustento para dentro de casa. (S30305J02_PADES_Pessoa atingida do município de Curvelo_R4, **EP**).

Então, eu acho que é um trabalho que, ao mesmo tempo, para mim se torna lazer. Eu amo a minha profissão. (PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5, **MC**).

Não sei se você percebeu. Todo mundo chegou e perguntou e, aí, pegou bom hoje? A alegria nossa é o dia que eu pego, é o dia que todo mundo pega. (S30305J07_PADES_Pessoa atingida do município de Felixlândia_R5, **AC**).

A pesca relacionada ao prazer, ao relaxamento e como uma atividade que promove bem-estar foi mencionada por muitos interlocutores/as. Eles/as se mostraram ressentidos/as pela perda desses aspectos relacionados à qualidade de vida, além do já ressaltado meio de sobrevivência, conforme demonstra a fala acima transcrita.

3.5.4 Conexões com o Rio Paraopeba e a Represa de Três Marias: Danos pela consequência

A alteração negativa na atividade de comercialização dos peixes adveio, principalmente, das dúvidas existentes sobre a qualidade das águas após o

rompimento. É isso que os/as pescadores/as reforçam ao indicar que as pessoas não querem mais adquirir seus peixes e, com isso, perderam a clientela. Todo o contexto de alteração do mercado dos pescados e das atividades associadas à pesca provocou consequências na cadeia da pesca. Durante a pesquisa, foi possível observar esse aspecto do agravamento especialmente em relação às incertezas e inseguranças geradas pela má qualidade das águas, ou a desconfiança em relação a essa qualidade.

Inclusive, eu compro água mineral lá, eu usava só o filtro natural, esse comum. O que eu tive que fazer? Devido a tanto boato que correu: “a água está contaminada, a água está isso” e várias coisas que a gente vem acompanhando... (S31339J04_PADES_Pessoa atingida do município de Três Marias_R5, **AS**).

O: Aí por exemplo, pegando dentro dessa pergunta vocês acham que por causa disso, desse medo da água, vocês tomam menos água? De quantidade de água.

LR: Toma.

CS: Toma.

(S31339J05_PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5).

Tomava [água] da represa. Hoje, eu não tomo banho lá mais e pesca ainda, mas é aquela pescaria, assim, com medo de que a gente pode adoecer, pode pegar na gente. Que a gente banha na água, tirando peixe. Pega no peixe que tiver dentro da água. Então, a gente tem medo e o que eu tenho medo é isso. (PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5, **AR**).

Nos relatos acima, os/as pescadores/as demonstram o medo de serem contaminados e adoecer pelo contato com a água, já que este é inevitável devido ao exercício da atividade. Desse modo, os danos relacionados ao trabalho, renda, relações com o meio ambiente, comunitárias e territoriais se somam aos danos relacionados à vida humana, integridade e à saúde. As falas acima denunciam, no mínimo, a constante exposição desse grupo específico às condições de insalubridade.

Ainda falando de danos que demonstram terem sido agravados a todo o grupo de pescadores/as, nota-se como a perda de renda ainda aparece associada a outros danos advindos do rompimento, como a soberania e segurança alimentar e hídrica e o poder de compra/consumo, conforme os exemplos que apontaremos a seguir:

Diminuiu em quantidade, por exemplo, se você ia lá, você comprava dois quilos de banana, por exemplo. Hoje, você não tem condições. Você vai lá e

você compra meio. (PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5, **MC**).

Mediador: E a alimentação aqui não está tão saudável?

MG: Igual antes, não. Tinha o peixe para vender e tinha o dinheiro para comprar as coisas direito. Agora não tem o peixe para vender e não tem como comprar as coisas direito. (S31339J03_PADES_Pessoa atingida do município de Pompéu_R5).

Agora, o senhor vê, a gente vende o peixe por 10 contos para... quantos quilos de peixe a gente vai dar para comprar um quilo de carne? (S31339J04_PADES_Pessoa atingida do município de Três Marias_R5, **AS**).

E fora que consumia muito peixe também, né. O peixe era o principal prato na mesa, porque a gente ia lá, pegava, chegava e fazia, porque era uma coisa muito mais saudável. Hoje, se você quer comer, você tem que comprar trem congelado. Você não sabe nem da onde que é. Então, muita gente passou a comer o que? Coisa comprada, porque hoje você não tem nada mais no lugar que você possa aproveitar e falar: "Não, isso é natural para mim". (S30305J02_PADES_Pessoa atingida do município de Curvelo_R4, **EP**).

Conforme se observa, a diminuição da renda pode ter provocado não apenas prejuízo à qualidade, mas também à quantidade de alimentos adquiridos. Nesse momento, aliás, várias pessoas indicaram a dificuldade em adquirir alimentos, ou a necessidade de substituir suas escolhas alimentares por opções de menor valor no mercado, após ter a renda prejudicada.

Tenta pela promoção procurar alguma coisa para substituir. (PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5, **MC**)

Não porque a gente escolhia a carne que queria ver. Tinha muita gente que queria uma costelinha porque é mais barato. Pé de frango eu não recomendo para ninguém não. (PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5, **JB**).

Além de indicar que os pescadores passaram a vivenciar situações de redução da qualidade ou quantidade de alimentação após as perdas na renda, as falas acima podem ser associadas a um terceiro dano, que é o aumento de despesas e perda da capacidade aquisitiva. A fala a seguir é representativa dessa ideia:

Aconteceu. Você não vende o peixe. Como é que você vai pagar a conta? As pessoas não têm confiança. Eu não posso vender para ele não que, depois, ele não vai me pagar. (PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5, **AR**).

Eu acho que o que mais agrava é que cai o rendimento e o preço das coisas aumentando. Descontrola. É o que mais agrava. (S31339J03_PADES_Pessoa atingida do município de Pompéu_R5, **CF**).

O peixe que pega não dá nem para pagar a despesa, aí fica devendo para o peixeiro (S31339J04_PADES_Pessoa atingida do município de Três Marias_R5, **JF**).

De acordo com os relatos, além da perda da capacidade aquisitiva, os/as pescadores/as sofrem constrangimentos por não possuírem o mesmo poder de compra de outros tempos. Desse modo os/as pescadores/as demonstraram que tiveram sua capacidade de negociação, confiança e capacidade de crédito prejudicados em suas comunidades ou redes de relações.

Até aqui, explicitando as categorias de agravamentos pesquisadas pela PADES ao grupo de pescadores/as artesanais, foi possível perceber como os danos e suas consequências entrelaçam-se. A qualidade do agravamento de se acumular em termos de impactos e consequências para o grupo específico, diferentemente do que ocorreria com outros grupos, foi o que procurou-se estudar por meio da categoria do agravamento *pela consequência*.

Relaciona-se também ao agravamento pela consequência, as situações que se caracterizam como dano ao projeto de vida, já mencionado.

A pesca, para mim, era tudo. Que a gente às vezes talvez estava meio estressado em casa, a gente saía, ia pescar, ia passar um tempo e eram bom demais. Antigamente, a gente saía para pescar e pegava os peixes. Hoje em dia, não pega nada mais. Acabou, né, para gente, o lazer, tudo, e a pesca também. Que a gente sobrevivia mais era disso mesmo, né. (S30305J02_PADES_Pessoa atingida do município de Curvelo_R4, **FO**).

A pesca era tudo na vida da gente, era um meio de tirar sustento da família, e hoje acabou com tudo. (S30305J02_PADES_Pessoa atingida do município de Curvelo_R4, **HF**).

A pesca para mim era tudo. Eu vinha, igual meus filhos aí, ia para o meio do rio pescar. Era um meio a mais de sobrevivência para a gente, para alimentação, essas coisas, também levava para os amigos, dividida às vezes (inint) dia. Acabou com a gente, (inint) acabou tudo, destruiu tudo, em geral. (S30305J02 _PADES_Pessoa atingida do município de Curvelo_R4, **JP**).

Conforme já se discutiu, a pesca foi descrita pelos/as pescadores/as presentes nos grupos focais como um meio de sobrevivência, ligada ao trabalho e renda, mas também como perspectiva de vida, no sentido do que planejavam ou almejavam enquanto condição de qualidade de vida e expectativas de realização de projetos que estavam em vistas, mas também esse aspecto perpassa desde o lazer e as relações sociais, como também a dependência ao acesso a água de qualidade e as condições de alimentação e consumo. Desse modo, muitos/as pescadores/as indicaram que a pesca era “tudo” e que agora “acabou”.

3.5.5 Estigmatização

A última categoria de agravamento analisada foi o agravamento discriminatório, ou seja, quando a manifestação do dano decorre por processo discriminatório devido ao pertencimento ao grupo específico - pelo fato de ser pescador/a artesanal. Entre os grupos focais, esse agravamento foi citado em relação a três situações. Uma delas já foi analisada aqui, que é quando os/as pescadores/as informam sofrer constrangimentos devido à perda da sua capacidade aquisitiva. Nesse caso, por serem pescadores/as e terem sua renda afetada, esse grupo social percebeu situações em que foram discriminados/as em procedimentos de compra ou solicitação de crédito.

Segundo, em relação à estigmatização da “má fama” do peixe e do território atingido, em que os turistas e compradores deixaram de procurar e adquirir o pescado em decorrência do receio de contaminação, afetando na profissão dos/as pescadores/as artesanais, assim como ao ofício tradicional que passa a ter o saber local desvalorizado devido ao desastre-crime.

A outra situação em que o agravamento se manifesta por processo discriminatório foi citado integrado ao eixo de danos relacionados à honra e ao processo de reparação. Durante a realização do grupo focal na comunidade de Paraíso, em Felixlândia, houve uma manifestação que remete à dificuldade de inclusão da região 5, especialmente dos/as pescadores/as que habitam ranchos às margens da represa, nos processos de reparação. Isso também é visto nas reivindicações de reconhecimento em relação ao Programa de Transferência de Renda¹⁶, por exemplo.

A região 5 sofreu com a demora em seu reconhecimento enquanto localidade atingida, presente entre os/as pescadores/as. É desafiador a esse grupo específico a sua situação de exclusão em determinadas medidas reparatórias, mesmo após sofrerem as consequências e todos os danos já elencados. Por isso nota-se, em acréscimo, que os/as pescadores/as sofrem com a falta de efetivação das medidas reparatórias, pela dificuldade em comprovar sua situação para fins de recebimento

¹⁶ O PTR é um valor mensal repassado às pessoas atingidas, com base em critérios definidos pelo processo judicial. Hoje, para receber o PTR, é necessário comprovar a comunidade dentro dos limites das poligonais, o que não contempla a dinâmica da cadeia do pescado.

do Programa de Transferência de Renda (PTR), por exemplo. A falta de acesso às medidas mitigatórias que poderiam estar os auxiliando na recomposição da renda após o rompimento da barragem os coloca, mais uma vez, em situação vulnerável e desfavorável.

3.5.6 Mulheres Pescadoras

Os agravamentos se sobrepõem quando investigada do ponto de vista de gênero. As mulheres pescadoras vivenciam e sofrem duplamente os efeitos dos danos, considerando as desigualdades diante os agravamentos por serem mulheres e por pertencerem a um grupo tradicional. Importante ressaltar que esse recorte de análise de “mulheres pescadoras” não foi propriamente examinado durante os grupos focais – considerando o relatório do grupo específico de mulheres já divulgado e este dos/as pescadores/as artesanais que obteve a presença de mulheres pescadoras – Entretanto, foi possível observamos brevemente como o aspecto de gênero e da atividade laboral da cadeia da pesca, são aspectos que se correlacionam frente às afetações e agravamentos.

Uma pescadora relatou sua dificuldade em encontrar novos meios de obtenção de renda, situação que retrata a existência de distinções de consequências dos danos entre homens e mulheres nesse grupo específico, em que:

Hoje em dia, muitas das vezes eu preciso de uma cesta básica, ganhar uma cesta básica para mim acabar de criar meus filhos. E ainda acho engraçado que eles falam assim: "Mas você tá boa para trabalhar", mas não vale nada, porque aqui também você não acha serviço. Homem acha, porque eu hoje, para mim trabalhar, eu tenho que botar (inint) , quebrar quiabo, quebrar milho, e quando você acha. Então, se você não tem serviço, não tem rio para poder ter onde você pescar, não tem uma faxina para você dar... Com o que que eu vou criar meus filhos? (...) (S30305J02_PADES_Pessoa atingida do município de Curvelo_R4, EP).

[...] Eles não reconhecerem que nós aqui da (comunidade). Eu estou a dois quilômetros aqui do rio. Eu descia essa rua para ir pescar lá embaixo. Eles não reconhecerem que nós também somos atingidos. Eu sempre trabalhei na minha vida. Eu nunca precisei de uma cesta básica. Hoje em dia, eu vivo, dependendo de cesta básica. Para falar a verdade, para não passar fome, eu preciso de uma cesta. A [nome] arrumou para nós da Cáritas. A Mab também de vez em quando traz para a gente, não é, [nome]? Mas, quando a cesta estava vindo, a gente usava o dinheiro de comprar a cesta para comprar uma carne, uma mistura. Hoje em dia, ou você pega a sua mistura no quintal que você tem ou, então, você fica sem. Fica sem porque a gente tinha trabalho. Hoje em dia, não tem mais. Eu vendia marmitex. Cheguei a vender muito marmitex aqui. (S30305J03 - R4_MULHERES_PADES_R4,)

As pessoas, elas tendem a pensar que nós, pescadoras, somos pessoas miseráveis, que nós defendemos (inint). Gente, essas pessoas não têm noção da riqueza que era gerada de dentro desse rio. (S30305J04 - R4_MULHERES_PADES_R4).

É importante registrar que as falas das pescadoras acima transcritas ocorreram quando se discutiam os danos advindos por ação ou omissão da reparação. E como a perda da renda enquanto mulheres pescadoras se desdobrou em outras dificuldades. Aspecto que perdura na preocupação sobre a soberania alimentar e tais limitações, a insegurança referente a qualidade da água, e também, no aumento do trabalho doméstico e ações de cuidado por meio das relações familiares, de vizinhança e comunitárias.¹⁷

Devido a essa conjuntura, esses desencadeamentos são mais intensos entre as mulheres pescadoras por estarem à frente das responsabilidades domésticas e também por exercerem a atividade profissional da pesca. Considerando as questões salientadas, elas estão mais expostas aos agravamentos de maneira acentuada, fator importante de ser considerado.

3.5.7 A importância da valorização, pertencimento e reconhecimento do ofício tradicional dos pescadores/as

A análise dos movimentos de atração se deu a partir de três categorias: *Reconhecimento e Pertencimento*; *Características comuns* e *Autoapresentação Positiva*. Nos grupos focais realizados com os/as pescadores/as, os diálogos evidenciam o reconhecimento, auto reconhecimento e pertencimento dos participantes enquanto grupo específico, ou seja, as falas denotam a compreensão acerca do que é ser pescador/a. Nesse sentido, esse aspecto evidencia os elementos que constroem os modos de vida, de ser e de fazer: o “viver” da pesca é o que caracteriza o grupo, o que vai muito além das formalidades de comprovação da profissão.

Não, o pescador que é pescador mesmo ele vive da pesca, que seja mixaria, ele vive da pesca profissional, entendeu? [...] Ele é profissional. Pouco ou muito, ele é profissional. Ele vive da pesca. (S31339J05_PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5, CS).

¹⁷ Esse aspecto está detalhado no relatório técnico divulgado referente ao grupo específico: PADES Mulheres.

Eu, o que eu faço da vida, eu respondo a você que eu sou um pescador, eu vivo na água pescando. (S30305J07_PADES_Pessoa atingida do município de Felixlândia_R5, **GG**).

Isso aqui foi desde quando eu comecei a minha vida como pescador, foi essa, pescando de barco a remo, e até hoje eu estou no ramo, e da beirada do rio não saio. Para sair de lá, acho que só quando Deus quiser mesmo. E a vida segue para frente. (S31339J04_PADES_Pessoa atingida do município de Três Marias_R5, **VV**).

A temporalidade, tradição entre gerações e autonomia ao início da atividade profissional, também aparecem como elementos importantes de compreensão desse grupo específico. Isso evidencia que o ofício também está atrelado com a experiência longa da pesca artesanal, conforme podemos observar nos relatos:

Eu tenho carteira há 40 anos e com 18 nunca trabalhei assinado para ninguém. Nunca trabalhei assinado e tem carteira há 40 anos e nunca roubei. Quer dizer que eu sou pescador. (S30305J07_PADES_Pessoa atingida do município de Felixlândia_R5, **RG**).

Eu estou falando porque eu tenho 38 anos de carteira. E eu comecei desde os 18, pequeno, bem menino. Eu era pequenininho e já pescava, quando virei a idade eu tirei a carteira. Tem 38 anos. (S31339J05_PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5, **CS**).

E pesco desde menino, grupo escolar. Mal tirava o uniforme e já estava com a varinha de pescar na mão. Então nunca aprendi a pescar, vim aprender aqui. Estou aprendendo ainda. Fico de olho nesse pessoal e vou aprendendo a fazer filé de peixe, trabalhar com peixe. (S31339J03_PADES_Pessoa atingida do município de Pompéu_R5, **CF**).

Isso aqui representa, para mim, 35 anos que eu tenho, que eu vivo do peixe. Eu sou pescador, depois me transformei também em piscicultor, fileteiro, fazedor de filé, e demonstra, para nós, a nossa necessidade e as nossas dificuldades, porque já é uma vida sofrida, a do pescador, porque a gente vive da natureza e a gente vive lutando (S31339J04_PADES_Pessoa atingida do município de Três Marias_R5, **ML**).

Eu conheço esse rio. Desde sete anos de idade eu vivi dentro desse rio. Eu conheço até o tempo. Se armar uma chuva e eu estiver com o meu companheiro. (PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5, **HF**).

Os vínculos com a pesca artesanal entre aqueles/as que exercem essa atividade, não se restringem somente à produção em torno da renda, mas estão inseridas em uma simbiose de troca em âmbito familiar e comunitário nos territórios. Além da produção material – que gera embarcações, petrechos de pesca, construção de redes, trabalho, alimentação, sustento e comércio – a pesca produz também as

formas de se relacionar entre os semelhantes, diante os conhecimentos tradicionais e as interações que envolvem reciprocidade e habilidades específicas.

Outro conhecimento fundamental são as conexões dos/as pescadores/as com a natureza – os ventos, as chuvas e as estações – e principalmente com os cursos d’água, por meio das ações e técnicas empregadas durante todas as etapas desse ofício tradicional. Concomitantemente a isso, a luta e reivindicação dos/as pescadores/as artesanais ao longo do processo de reparação, além de ser essencial, é muito pertinente, seja pela importância de serem devidamente reconhecidos/as enquanto grupo específico tradicional que sofre diariamente com os diversos agravamentos que se perpetuam na rotina e no cotidiano, mas também, pela atividade da pesca artesanal ser um ofício de ligação mútua com o rio Paraopeba, a Represa de Três Marias e a calha do rio São Francisco.

3.5.8 Formas de Comprovação

Um aspecto importante que emergiu no grupo dos pescadores artesanais foi em relação às formas de comprovação¹⁸ possíveis quanto ao reconhecimento e pertencimento a esse grupo produtivo perante aos compromitentes.

Há uma preocupação de como comprovar que era pescador/a à época do rompimento da barragem devido a possíveis fraudes a quem teria direito aos programas mitigatórios e reparatórios. É comum ouvirmos falar nos territórios de pessoas que estão recebendo auxílios financeiros destinados a pescadores, mas que nunca exerceram tal atividade. Esses exemplos são construídos utilizando os outros contextos de desastres socioambientais para embasar a argumentação, como o rompimento da Barragem de Fundão, no subdistrito de Bento Rodrigues, ocorrido em 2015¹⁹.

¹⁸ Na descrição das formas de comprovação, não há relatos dos participantes dos grupos focais realizados no município de Três Marias e em uma comunidade pertencente ao município de Pompéu, devido a ausência de indagação dessa categoria nas metodologias aplicadas.

¹⁹ Nesse sentido, há menções de pessoas, principalmente no estado do Espírito Santo, que se declararam pescadores e que estão recebendo auxílios financeiros por causa disso. Mas essas mesmas pessoas não exerciam tal atividade anteriormente. Esse é um exemplo de utilização do recurso da intertextualidade externa por parte do emissor ao trazer um caso prévio para transmitir sentidos e dar mais relevância à sua fala dentro de outro contexto, a fim de demonstrar as fragilidades desse processo de evidênciação de ser pescador perante os atores externos (leia-se, principalmente, Instituições de Justiça).

Mas ao mesmo tempo, há casos de pescadores/as longevos e reconhecidos por seus pares os quais não têm acesso a esses mesmos programas. Em suma, há problemas quanto à identificação do público-alvo e a focalização dessas medidas.

Existe, então, uma inquietação sobre as formas existentes para comprovar quem era pescador e a afetação da atividade para as Instituições de Justiça. Comprovações que vão além da carteira de pescador, uma vez que a obtenção da carteira pode ser algo difícil, burocrático, muitas vezes distante dos modos de vida dessas pessoas; além de, depender de outras organizações/instituições para a sua efetivação, como a Colônia de Pescadores e a Marinha.

Nesse sentido, o grupo com os/as pescadores/as artesanais explorou quais seriam as possíveis formas de comprovação para o reconhecimento deles enquanto pescadores/as e como esse processo poderia ocorrer. O objetivo era ampliar o entendimento do que é ser pescador/a, para não ficar restrito às ditas maneiras formais, o que possibilita a exigência da comprovação seja mais adequada à realidade desses territórios.

Considerando os seis grupos focais com os/as pescadores/as artesanais, tivemos 52 falas/trechos codificados como *formas de comprovação*. Esse número é maior do que os códigos referentes aos *danos com agravamentos* do tipo *discriminatório e pela consequência*, com 19 e 44 menções, respectivamente. Esses dados demonstram a centralidade que as discussões em torno das *formas de comprovação* assumiram nesses grupos.

Como mencionado anteriormente, as formas de comprovação podem ser classificadas em duas categorias mais amplas, 1) as *formais* e 2) as *informais*. As denominadas como *formais* são aquelas que correspondem propriamente a documentos e registros com a função de demonstrar o vínculo com essa atividade profissional. São exemplos, a própria carteira de pescador profissional, a nota fiscal de venda do pescado e o registro do barco/motor. As *informais*, por sua vez, são relacionadas mais ao convívio entre os pescadores (relações entre pares) ou com atores que fazem parte da cadeia do peixe (peixeiro, comerciante, entre outros), aos testemunhos e a história de vida e oral, a exposição dos saberes que envolvem a prática da pesca artesanal, entre outras. Todas elas são formas que podem ser úteis para declaração do exercício dessa atividade.

A propósito, será explicitado detalhadamente as principais formas de comprovação mencionadas pelos/as pescadores/as artesanais, demonstrando os entendimentos deles/as sobre os meios de comprovação, bem como as justificativas que eles/as mobilizam para a sua efetivação ou não.

● **Carteira Profissional de Pesca**

De forma geral, a *carteira profissional de pescador* é um dos considerados como âmbito formal para o reconhecimento. Todavia, além das ressalvas quanto à possibilidade de fraudar a carteira ou outros documentos, foi citado que muitos/as pescadores/as não possuem a carteira. Ou seja, há um descrédito quanto a sua eficácia para a comprovação, seja a própria carteira ou os documentos de forma mais ampla.

(...) todo mundo inventa documentação e nós fica, não tem saída para nós. Nós o jeito é aguentar (PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5, **JB**).

Que carteira todo mundo faz. (S30305J07_PADES_Pessoa atingida do município de Felixlândia_R5, **JM**).

A carteira. Apesar que a carteira também não prova muita coisa não. (S30305J07_PADES_Pessoa atingida do município de Felixlândia_R5, **SG**).

As três falas acima demonstram as dificuldades do/a pescador/a em obter meios formais de comprovação via documentação. A última fala, inclusive, há um teor de *banalização* da carteira de trabalho (“todo mundo faz”). Assim, há situações em que os/as próprios/as pescadores/as colocam em xeque a exclusividade de apresentação de documentos como forma de se reconhecer como pescador/a. Além disso, a carteira não é algo extensivo e abrangente aos pescadores/as artesanais, pelo fato de muitos não a possuírem.

● **Nota/Bloco Fiscal**

Outra forma mencionada também enquadrada dentro da categoria formal foi a emissão de notas fiscais ou o uso de bloco. Alguns pescadores/as mencionaram que o registro de vendas e o mercado do peixe por meio desses documentos poderia ser uma forma de demonstrar o exercício da referida atividade. Em outras palavras, o

exercício da pesca não era somente amadora, mas sim uma fonte de renda (pesca para comercialização).

Nós fazíamos notinha do peixe. (...) tem no bloquinho para (PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5, **MC**).

A gente tem o bloco também, aquele bloco, anotação de peixe. Eu preciso dele. Eu sou obrigado a tirar a nota do peixe para você sair com ele. (PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5, **HC**).

Porém, há relatos sobre a pouca frequência do uso de notas fiscais entre os/as pescadores/as artesanais e inclusive a suspeita de fraude que ela pode envolver. A relação das trocas comerciais que envolvem o peixe se dá, em muitos casos, por relações de convívio, cumplicidade e troca entre os atores pertencentes a essa cadeia da pesca.

Você não tem nota fiscal porquê de dez profissionais aqui que tem, é raro que dá a notinha também porque, geralmente, vamos supor. O [nome] passa o peixe dele para a peixeira. Eu também. Ligo para um. Vem aqui. Eu tenho tantos quilos de peixe. Ele vai limpar o meu freezer. Então, eu não vou dar nem nota. (S30305J05_PADES_Pessoa atingida do município de Curvelo_R4, **EP**).

É porque você pode ir lá na papelaria e fazer o bloquinho, só que eu não faço. O meu eu não faço. É a mesma coisa no caso do meu irmão, tipo, ele não tem como passar bloco e ele também não tem como receber meu porque, se ele vende peixe, eu também vendo. (S30305J05_PADES_Pessoa atingida do município de Curvelo_R4, **EP**).

Como dito anteriormente, a presença de nota/bloco fiscal é compreendida como algo distante da realidade dos/as pescadores/as, o que pode ser dificultoso para a sua utilização como forma de comprovação. É algo que não se adequa totalmente às práticas da pesca - e as suas trocas comerciais-, práticas essas que consistem em uma lógica de informalidade e de confiança entre os atores.

● Registro de barco/motor

Outro exemplo dado de comprovação dentro da categoria formal foi o registro de barco ou de motor. Esse registro seria uma forma de reconhecimento e “prova” por parte dos/as pescadores/as.

Eu tenho registro de barco, motor. (PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5, **O**).

O meu barco tem aquele registro da marinha, tem tudo. Se precisar, eu trago, trago o registro, trago a minha carteira. (PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5, **AC**).

Nota-se que as menções de registro de barco ou do motor, em alguns casos, é acompanhado também da citação que também possui a carteira da pesca. Isso denota um sentido de passar a imagem de que está tudo “regularizado”. Todavia, a citação desse tipo de registro não foi muito frequente entre os/as pescadores/as, sendo algo mais pontual.

● Testemunhas

Uma das principais formas de comprovação, como meio informal, que emergiu durante o grupo de pescadores/as para a elucidação do reconhecimento foi por meio de testemunhas. Como a cadeia da pesca envolve uma lógica de informalidade e outros modos de simbiose e prática quanto ao exercício dessa atividade, o testemunho se relaciona de modo mais efetivo ao cotidiano e a práxis que compõe a realidade desse grupo específico, que se constrói no convívio social (quase um *compadrio*) e nas relações de proximidade, confiança e com o meio ambiente.

A história oral que envolve a vivência, experiência e as características comuns enquanto pescadores/as artesanais, é uma possibilidade de contemplar aqueles que praticam tal atividade sem possuir a carteira profissional ou nota fiscal. Ou seja, os/as pescadores/as são vistos/as e legitimados/as por outros/as pescadores/as e pela comunidade, mas por não terem tal carteira não seriam reconhecidos como tal pelas Instituições de Justiça. Por isso, o testemunho seria uma forma de amenizar potenciais injustiças devido às exigências burocráticas.

Além disso, as menções demonstram que o testemunhar não seria algo difícil de se fazer. Em suma, seria relativamente válido que os pescadores/as pudessem atuar como testemunhas nas localidades como meio de comprovação. Esse meio foi ressaltado principalmente no grupo focal da Regional 4, como podemos observar:

Eu, pelo irmão dela aí, eu consigo umas testemunhas do irmão dela. Fui nascido e criado aqui. Nós sobrevivíamos sobre a pesca. (S30305J05_PADES_Pessoa atingida do município de Curvelo_R4, **JJ**).

Eu, pode pedir o município aqui de testemunha, falar assim: "Você vai testemunhar como município". São 50, ou 100, ou 200 pescadores, vai tudo

falar: "Não, esse aqui foi criado, nascido e criado aqui dentro". (S30305J02_PADES_Pessoa atingida do município de Curvelo_R4, **JJ**).

No caso, a única forma porque não é profissional está sobrando só a testemunha para provar que vende. (S30305J05_PADES_Pessoa atingida do município de Curvelo_R4, **EP**).

Vai ter que ter testemunho, porque a gente, pescador profissional, quando você vai tirar a carteira, você não tem que ter três pescador profissional para assinar com você realmente o pescador? (S30305J02_PADES_Pessoa atingida do município de Curvelo_R4, **EP**).

No caso, só se for testemunha. (S30305J02_PADES_Pessoa atingida do município de Curvelo_R4, **VFD**).

Percebe-se pelas duas últimas falas como o testemunho é visto como a única maneira de conseguir contemplar os/as pescadores/as artesanais de forma mais ampla. Como um participante mencionou em outro momento: "(...) fora a testemunha fica meio difícil. (PADES_Pessoa atingida do município de Curvelo_R4, **EP**)". Portanto, o ato de testemunhar seria uma alternativa mais viável para a construção diária e do reconhecimento para esses/as pescadores artesanais.

Nesse sentido, indagou-se quem poderia atuar como potenciais testemunhas para legitimar e reconhecer os outros como pescadores/as. Os principais mencionados foram: *outros pescadores/pescadores auxiliares; peixeiro; comerciante; e donos de hotéis/pousadas.*

[Quem pode ser essas testemunhas] Peixeiro, comerciante. (...) Porque a [nome] mesmo, virava e mexia, ela comprava peixe na mão nossa para por aqui na pousada para fazer porção, tira gosto (...) Muita das vezes, você pega um pescador que não é profissional para pescar junto com a gente de companhia para te ajudar a ir lá forçar uma rede, para bater uma tarrafa, para limpar um peixe e rachar o peixe no meio em parte igual. Ele está trabalhando também. (S30305J05_PADES_Pessoa atingida do município de Curvelo_R4, **EP**).

Eles não têm carteira e como que vai provar que eles são pescadores? E eles vão precisar de que? Das testemunhas. Como que ele vai provar que ele vive do peixe? Ele pode arrumar lá dois, três peixeiros para vim aqui provar que comprou o peixe na mão dele, mas o peixeiro é o que? É uma testemunha. Ele não tem um documento fixo para falar, assim, não, eu pesco, eu vivo da pesca. (S30305J05_PADES_Pessoa atingida do município de Curvelo_R4, **EP**).

De maneira geral, a forma via testemunha foi aquela mais explorada durante o grupo focal junto aos pescadores. Os participantes compreendem que essa seria uma forma de contemplá-los de forma pertinente, sendo uma forma de comprovação mais viável para a vida deles e de atuação otimizada.

● Prova prática, modos de vida e saberes tradicionais da pesca

Por fim, um outro meio informal de reconhecimento especialmente relevante, se refere ao exercício da pesca em si: se o/a pescador/a tem domínio e habilidades que envolvem a pesca; se ele mobiliza os saberes tradicionais necessários para a pesca artesanal; se possui materiais de pesca e sabe utilizá-los. É o ato de manusear a rede e de confeccioná-las; de soltar a tarrafa; de conhecer o rio, navegar por ele (saber usar o barco) e ter ciência dos movimentos das suas águas; de saber os pontos/barrancos para o exercício da pesca; dos ciclos de reprodução do peixe, entre outros.

É a mesma coisa, como é, seria até interessante o pescador clandestino provar que ele pesca. É simples. Põe prova para ele provar que ele pesca. Solta uma tarrafa na mão dele e fala abre essa tarrafa no chão para mim. Ele vai ter que abrir. Se ele é pescador clandestino, ele vai saber. Estica uma rede para mim no seco. Ele vai ter que esticar ali. Não vai precisar deles amarrarem que muitos não vão querer, mas é interessante a prova de ele provar. (S30305J05_PADES_Pessoa atingida do município de Curvelo_R4, **EP**).

Se tivesse um remo, eu ia remar esse barquinho para você ver. É a prova que eu sou pescador, não é? (PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5, **JB**).

Pode ir lá e eu dou volta no barco (PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5, **AR**).

O cara fazer uma rede, fazer um tarrafa. (...) O pescador profissional quase todo sabe. Desmanchar uma rede e fazer ela de novo. (S30305J05_PADES_Pessoa atingida do município de Curvelo_R4, **JJ**).

Portanto, essa opção possibilitaria delimitar melhor quem é pescador/a artesanal ou não e ter ciência de quem compartilha esses saberes tradicionais. Em outras palavras, quem se reconhece é reconhecido como trabalhador/a e artesão da pesca.

Outra sugestão feita durante os grupos focais refere-se ao próprio modo de vida dos/as pescadores/as. São os itens e materiais de pesca que eles possuem e os modos de vida que acompanham a vida do/a pescador/a artesanal: as redes, o barco, o freezer, bem como a “pele queimada de sol e as mãos calejadas”, como dito por uma das pescadoras:

(...) Mãos calejadas, queimadas do sol. Porque eu coloco uma blusa, mas sempre aqui, então, hoje, eu estou toda pintada. Não era assim, mas, infelizmente, isso aqui é o sol. (PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5, **MC**).

Eu, por exemplo, posso levar vocês lá aonde é que eu moro, lá na pescaria. Vocês podem ir lá que eu levo vocês lá onde é que eu moro. Vocês vão ver o meu barco cheio de rede, vai ver o meu motor. Você vai ver muita rede lá.

Vão ver o congelador para eu levar esse peixe. (PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5, **AR**).

As duas falas acima são marcadas pelas simbologias que constroem e fazem parte da identidade e a forma de vida do/a pescador/a artesanal. São atributos que eles/as carregam e compartilham com eles/as mesmos e com outras pessoas, bem como definem o que é ser pescador/a artesanal.

O quadro abaixo sintetiza as principais formas de comprovação de reconhecimento que emergiram e foram debatidas durante os seis grupos focais junto aos pescadores/as artesanais:

Quadro 5 - Formas de Comprovação: Reconhecimento do Pescador Artesanal

Meio Formal	Meio Informal
Carteira de pesca	Testemunho
Registro de barco ou motor	Prova prática
Nota/bloco fiscal	Saberes tradicionais e modos de vida
Comprovação de moradia à beira rio	Fotos e materiais de trabalho
Comprovação de vínculo com a colônia de pescadores	Relação com os órgãos ambientais que atuam nas regiões

Fonte: Elaboração própria, 2023.

4. PANDEMIA, DANOS E AGRAVAMENTOS

Nesta seção, analisamos sucintamente como a questão da pandemia de COVID-19 emergiu nos grupos junto aos pescadores/as artesanais, que de maneira geral foi residual. A pandemia constantemente surge como uma variável na hora de compreender as alterações negativas nos territórios e como se deu a atuação dela juntamente com esse desastre-crime (interpretações causais e multifatoriais, correlações, entre outras incidências). Por outro lado, ressalta-se que no roteiro não havia perguntas específicas sobre a influência da pandemia na vida dos participantes, como forma de estimular e explorar as impressões e significados deles. Em suma, o objetivo é examinar menções e falas mais espontâneas que trariam a pandemia para a discussão.

A tabela abaixo sintetiza o número de vezes que palavras como covid, pandemia e coronavírus apareceram em cada um dos grupos e quem a proferiu: se pessoa atingida ou alguém da equipe técnica do Instituto Guaicuy. O aspecto frequentista é importante para sinalizar/indicar o nível de centralidade dessas palavras durante os relatos dos participantes.

Tabela 1 - Frequência que palavras relacionadas a pandemia da Covid-19 emergiram nos grupos focais

Grupo Focal	Frequência Total	Pessoas Atingidas	Instituto Guaicuy
Pescadores Artesanais	3	2	1

Fonte: Elaboração própria, 2023.

Percebe-se pela tabela acima como a questão da pandemia incidiu de forma esparsa nos grupos de discussão²⁰. Esta doença não teve uma centralidade espontânea no que tange às alterações sociais e prejuízos na vida desses participantes durante as suas falas. Os trechos das falas das pessoas atingidas relacionadas à pandemia do coronavírus, encontram-se abaixo:

MC: Eu não sei bem se foi o rompimento da barragem ou se foi (danos às festas, feiras...).

Moderador: A pandemia?

MC: A pandemia. Eu sei que tinha parado (PADES_Pessoa atingida do município de Morada Nova de Minas_R5).

Mas o meio ambiente (presença da polícia do meio ambiente) não foi por causa da barragem. Eles ficaram com medo é da covid. (S30305J07_PADES_Pessoa atingida do município de Felixlândia_R5, RG).

Observa-se que, em relação à pandemia, no grupo de pescadores/as, os danos dizem respeito à interrupção de festas tradicionais, feiras e atividades coletivas. Além disso, houve uma menção acerca da justificativa da atuação da polícia ambiental em determinado contexto, o que não vincula diretamente às mudanças e afetações na vida dessas pessoas. Isso se difere do grupo das mulheres, onde essa temática estava relacionada à saúde da família e das pessoas da comunidade, para reforçar o poder de agência do rompimento em contraposição à pandemia.

Portanto, a questão da pandemia e as alterações negativas causadas por ela não predominaram durante os grupos focais. O tema do coronavírus apareceu de forma mais esporádica e pontual durante os relatos. Os danos relacionados à saúde, ao

²⁰ Sendo que em um caso o uso da palavra *pandemia* foi praticamente “induzida” pela equipe técnica do Instituto Guaicuy, ao proferi-la primeiramente para complementar a fala do participante e dar continuidade à discussão, o que será explicitado mais adiante.

cuidado, à renda e relações comunitárias e familiares, entre outros, são sobrepostos e se somam, considerando esses dois eventos críticos (pandemia e rompimento da barragem), sendo que esse desastre-crime incidiu anteriormente à Covid-19 e teve maior argumentação ao longo dos grupos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente documento procurou examinar e apresentar os principais resultados obtidos com a PADES grupo específico: Pescadores/as Artesanais. Considerando os dados dos grupos focais realizados, as principais técnicas de análise utilizadas foram a nuvem de palavras, as análises de sentimentos e de conteúdo quanto aos agravamentos dos danos.

Os principais danos mencionados pelos/as pescadores/as artesanais se relacionam com a perda de renda, a dificuldade de venda e do próprio exercício da atividade de pesca, advindos, principalmente, da insegurança e incerteza em relação à qualidade das águas e dos pescados após o rompimento da barragem. Todos esses pontos prejudicam consideravelmente a própria existência desse ofício tradicional e da transmissão do patrimônio imaterial envolvido ao longo do tempo. Portanto, a sobrevivência e continuidade da pesca artesanal estão ameaçadas nesses territórios, no sentido de produção e reprodução dessas formas de vida. Neste sentido, esses danos são agravamentos pela *intensidade*, ou seja, eles incorrem sobre essas pessoas de forma mais intensa pelo simples fato de serem pescadores/as artesanais, comparado a outros grupos.

Ademais, ocorreu uma significativa discussão acerca da questão do reconhecimento desse grupo, pensando nas suas formas de comprovação enquanto pescadores/as. Houve, inclusive, mais falas codificadas relacionadas a comprovação do que aquelas referentes aos agravamentos de danos do tipo *pela consequência* e *discriminatório*, o que mostra a importância dessa temática nesses grupos. As principais formas de comprovação trazidas pelos próprios participantes foram: carteira de pesca, registro do barco/motor, nota/bloco fiscal, testemunho e ênfase na prova prática e saberes tradicionais e modos de vida.

Em suma, podemos apontar que os principais danos que apresentaram relação de agravamentos nos seis grupos focais de pescadores artesanais foram:

1. *danos provocados pela interrupção, diminuição ou alteração negativa da atividade pesqueira e das atividades a ela equiparadas;*
2. *interrupção, diminuição ou alteração negativa da atividade de comercialização e do escambo dos/as pescados;*
3. *perda total ou parcial de renda do trabalho, permanente ou temporária*
4. *perda, interrupção, inviabilização, redução ou mudança forçada de atividade profissional ou laboral;*
5. *dano ao projeto de vida;*
6. *dano ao lazer;*
7. *danos à soberania e segurança alimentar e nutricional;*
8. *aumento das despesas e perda da capacidade aquisitiva;*
9. *danos causados por ação ou omissão da reparação;*
10. *endividamento;*
11. *ofensas ao nome, à imagem, à privacidade e à reputação, exposição, exclusão, discriminação e estigmatização;*
12. *danos aos saberes, modos de fazer e modos de vida tradicional;*
13. *danos à saúde física e psicossocial;*

Desse modo, o quadro abaixo sintetiza os principais agravantes:

Quadro 4 - Agravamento dos Danos e Grupo de Especificidades

Agravamento dos Danos	Pescadores/as Artesanais
Intensidade	- Perda e diminuição da renda; - Interrupção da pesca e da comercialização do pescado; - Danos à sobrevivência e ao projeto de vida; - Restrições das possibilidades de trabalho; - Prejuízos ao lazer e às relações comunitárias.

Pela Consequência	- Insegurança quanto a qualidade da água e do pescado; - Insegurança alimentar; - Dificuldade de acesso a benefícios socioassistenciais, como o seguro defeso; - Danos à saúde física e psicossocial.
Generalidade	- Interrupção da pesca e da comercialização do pescado; - Perda total ou parcial da renda; - Perda de Soberania e Segurança alimentar e hídrica (diminuição do poder de compra e consumo).
Discriminatório	- Discriminação em situações de compra e solicitação de crédito; - Estigmatização da imagem do peixe e da identidade do sujeito social pescador/a; - Honra e processo da reparação (dificuldade do reconhecimento da região 5 como território atingido).

Fonte: Elaboração própria, 2023.

É possível observar como os danos engendram várias situações críticas que desorganizou o modo de vida e implicou em desdobramentos sequenciais de agravamentos para o grupo específico de pescadores/as, que perpassam aspectos da vida pessoal, profissional, social e comunitária. Além disso, tendo em vista o marco temporal do rompimento da barragem, é perceptível como esse evento alterou as condições de vida presente e trouxe dúvidas em relação ao futuro e nas decisões contumazes que norteiam as condições de vida.

Em relação às percepções que emergiram no grupo de pescadores/as, percebe-se que a discussão da sobrevivência, dos prejuízos com a alteração intrínseca na atividade da pesca e suas consequências em outros aspectos da vida denotam uma relação com a especificidade do dano. Uma das afetações mais latentes discutidas.

É importante destacar que a pesca artesanal é considerada, nos locais onde ocorre, um indicador de qualidade ambiental, além de uma importante estratégia para a conservação dos recursos naturais (CATELLA et al. 2012 apud SILVA, 2014). A pesca artesanal mostra-se “viável do ponto de vista econômico, desejável no âmbito social e adequada ecologicamente” (MATTOS et al. 2020, p. 12).

Contudo, espera-se que este relatório possa subsidiar a compreensão quanto aos agravamentos dos danos, considerando a incidência deles e os diferentes efeitos gerados pelo desastre-crime na bacia do Rio Paraopeba, na represa de Três Marias e dos pescadores da calha do Rio São Francisco. Desse modo, é possível observarmos a riqueza e a profundidade das informações propiciadas pela pesquisa, em que todos os grupos focais realizados correlacionaram as questões norteadoras como inseridas num contexto de agravamentos. Esperamos que este relatório possa contribuir na orientação e em medidas junto ao Instituto Guaicuy e aos atores externos envolvidos com os/as pescadores/as artesanais atingidos/as, almejando que novas validações possam incidir ao trabalhar com esses grupos, bem como na defesa dos direitos deste grupo específico ao longo do processo de reparação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008.

Dossiê Matriz de Danos. Análise dos Danos Identificados nas Regiões 4 e 5. Disponível em: <https://guaicuy.org.br/wp-content/uploads/2022/03/Dossie-de-Analise-Matriz-de-Danos-2.pdf>.

GESTA. Direito dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: <https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/wp-content/uploads/2014/04/Cartilha-Povos-tradicionais.pdf>. Acesso em: 01 de nov. 2023.

INSTITUTO GUAICUY. Relatório de caracterização das comunidades das áreas 4 e 5. Belo Horizonte: Guaicuy. 2022. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1Tpy-3NrZTAL9TscnmZUnO3xG4WmJ4QMK_v52S_rxLGI/edit. Acesso em: 01 de nov. 2023.

GOVERNO FEDERAL. LEI Nº 11.959, 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11959.htm. Acesso em: 01 de nov. 2023.

SAMPAIO, Rafael; LYCARIÃO, Diógenes. Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.

VALENCIO, N.; SIENA, M. MARCHEZINI, V. & GONÇALVES, J. (Orgs.) Sociologia dos desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil. São Carlos: RiMa Editora, 2009.

ZHOURI, Andréa. Desregulação Ambiental e Desastres da Mineração no Brasil. Uma perspectiva da Ecologia Política. Belém: NAEA/ UFPa, 2019.

APÊNDICE

1. Perfil dos Participantes e Análise da Participação

O Quadro 6 apresenta informações detalhadas do perfil de cada pescador/a artesanal participante dos grupos focais:

Quadro 6 - Lista de participantes dos grupos focais de pescadores

Participante	Idade	Sexo	Outra ocupação	Raça/Cor	Escolaridade	Local
1	58	Feminino	Do lar	Parda	Ensino fundamental completo	Comunidade de Pompéu
2	53	Masculino	Vaqueiro	Preto	Ensino fundamental incompleto	Comunidade de Pompéu
3	55	Feminino	N/A	Preta	Ensino fundamental incompleto	Comunidade de Pompéu
4	79	Masculino	N/A	N/A	Ensino superior completo	Comunidade de Pompéu
5	57	Masculino	Caseiro	Pardo	Ensino fundamental incompleto	Comunidade de Pompéu
6	65	Masculino	Pequeno pecuarista	Branco	Ensino médio completo	Comunidade de Pompéu
7	59	Masculino	N/A	N/A	Ensino fundamental completo	Comunidade de Curvelo
8	N/A	Feminino	N/A	N/A	N/A	Comunidade de Curvelo
9	34	Feminino	N/A	N/A	Ensino médio incompleto	Comunidade de Curvelo
10	30	Feminino	Cabeleireira	NA	Ensino fundamental completo	Comunidade de Curvelo
11	66	Masculino	N/A	N/A	N/A	Comunidade de Curvelo
12	86	Masculino	Aposentado	N/A	Ensino fundamental incompleto	Comunidade de Curvelo

13	62	Masculino	Diarista Rural	N/A	Ensino fundamental incompleto	Comunidade de Curvelo
14	47	Masculino	Trabalhador do depósito de construção	N/A	Ensino fundamental incompleto	Comunidade de Curvelo
15	65	Masculino	Pedreiro	Preto	Não estudou	Comunidade de Morada Nova de Minas
16	66	Masculino	N/A	Branco	Ensino médio incompleto	Comunidade de Morada Nova de Minas
17	57	Masculino	N/A	Branco	Ensino médio	Comunidade de Morada Nova de Minas
18	64	Masculino	N/A	Branco	Ensino fundamental incompleto	Comunidade de Morada Nova de Minas
19	67	Masculino	Aposentado	Negro	Ensino médio completo	Comunidade de Morada Nova de Minas
20	47	Masculino	N/A	Preto	Ensino fundamental incompleto	Comunidade de Felixlândia
21	41	Feminino	N/A	Pardo	Ensino fundamental incompleto	Comunidade de Felixlândia
22	65	Masculino	N/A	N/A	N/A	Comunidade de Felixlândia
23	N/A	Feminino	N/A	N/A	N/A	Comunidade de Felixlândia
24	N/A	Masculino	N/A	N/A	N/A	Comunidade de Felixlândia
25	N/A	Masculino	N/A	N/A	N/A	Comunidade de Felixlândia
26	N/A	Feminino	N/A	N/A	N/A	Comunidade de Felixlândia
27	58	Feminino	N/A	Pardo	Ensino fundamental incompleto	Comunidade de Felixlândia

28	N/A	Masculino	N/A	N/A	N/A	Comunidade de Felixlândia
29	N/A	Masculino	N/A	N/A	N/A	Comunidade de Felixlândia
30	N/A	Masculino	N/A	N/A	N/A	Comunidade de Felixlândia
31	N/A	Masculino	N/A	N/A	N/A	Comunidade de Felixlândia
32	N/A	Feminino	N/A	N/A	N/A	Município de Morada Nova de Minas
33	N/A	Masculino	N/A	N/A	N/A	Sede de Morada Nova de Minas
34	N/A	Masculino	N/A	N/A	N/A	Sede de Morada Nova de Minas
35	N/A	Masculino	N/A	N/A	N/A	Sede de Morada Nova de Minas
36	43	Masculino	N/A	Branco	Ensino médio completo	Sede Três Marias
37	17	Feminino	N/A	Branca	Ensino médio incompleto	Sede Três Marias
38	45	Feminino	N/A	Preta	Ensino fundamental incompleto	Sede Três Marias
39	20	Feminino	N/A	Preta	Ensino médio completo	Sede Três Marias
40	66	Masculino	N/A	Pardo	Ensino fundamental incompleto	Sede Três Marias
41	72	Feminino	N/A	Preta	Ensino fundamental incompleto	Sede Três Marias
42	43	Masculino	Soltura de pesca	Pardo	Ensino fundamental incompleto	Sede Três Marias
43	38	Feminino	Filetagem	Parda	Ensino fundamental completo	Sede Três Marias
44	44	Feminino	N/A	Parda	Ensino fundamental incompleto	Sede Três Marias

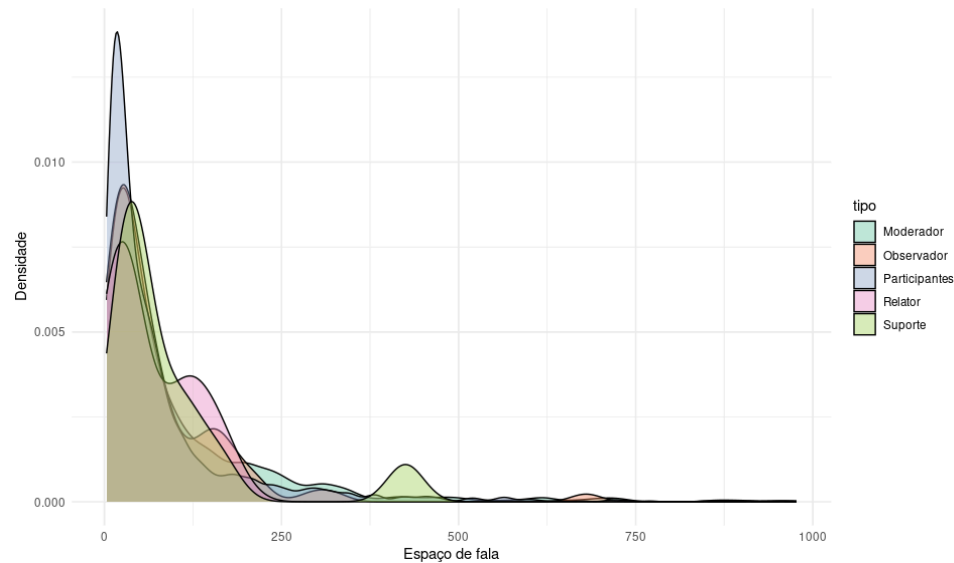
45	52	Feminino	Servidora pública	Amarela	Ensino médio completo	Sede Três Marias
46	48	Masculino	Filetagem	Pardo	Ensino fundamental incompleto	Sede Três Marias
47	66	Feminino	Doméstic a	Parda	Ensino fundamental incompleto	Sede Três Marias
48	45	Feminino	Filetagem	Parda	Ensino superior completo	Sede Três Marias
49	51	Masculino	Psicultor	Branco	Ensino fundamental completo	Sede Três Marias
50	N/A	Feminino	N/A	N/A	N/A	Sede Três Marias
51	69	Masculino	N/A	Branco	Ensino fundamental incompleto	Sede Três Marias

Fonte: Elaboração própria, 2023.

2. Análise Quantitativa da Atuação das Equipes Responsáveis

Este apêndice se destina a uma análise objetiva da participação das equipes responsáveis pela execução dos grupos focais a partir da quantificação do conteúdo transcrito.

Gráfico 5 - Extensão de falas por atores, grupos focais dos pescadores



Fonte: Elaboração própria, 2023.

A respeito do espaço de falas por atores, o Gráfico 5 ilustra a distribuição para a equipe do Instituto Guaicuy e para o conjunto das participantes. A partir dele, percebe-se que o espaço de fala foi ocupado predominantemente pelas participantes dos grupos focais. O moderador ocupou o segundo lugar no que tange ao tempo de fala, sendo o representante do IG que mais participou da conversa, justamente pela sua função de conduzir os grupos focais. A predominância de falas dos/as pescadores/as demonstra que eles se sentiram confortáveis para dialogarem entre si, o que pode indicar uma boa execução dos grupos focais.